



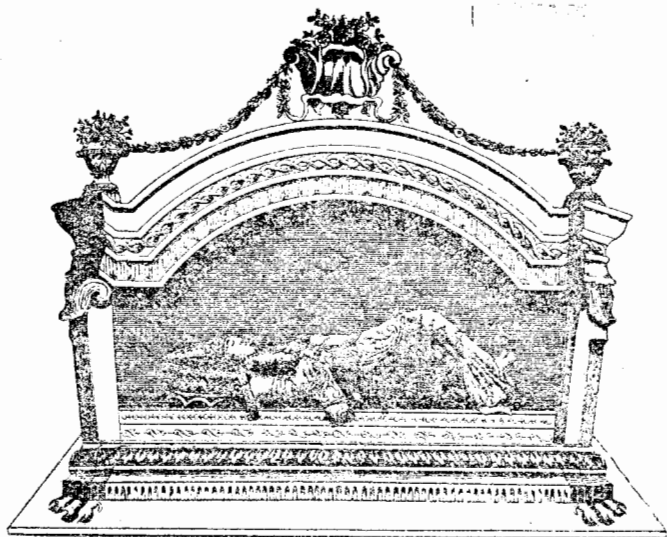
**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



## S. TORCATO

(ALGUMAS NOTAS DISPERSAS)

A João Barreira e Manuel Monteiro

Aparecera em brenha pedregosa e cerrada de magtagal o cadáver de um homem, vai para cima de nove séculos. Vestia coçada samarra côr de tijolo, ao lado o bordão de pastor, e tinha a pele calcinada pelos sóis do estio e as neves do inverno. Aparentava idade avançada em anos e canseiras; era alto, musculoso, forte, talvez homem da serra, ou guerreiro talvez. As maxilas salientavam-se em dura expressão de energia. Assim incontaminado à podridão e ao verme, sêco, direito, alheio à morte — só um santo. E de santo o proclamaram.

Então, como a S. Pedro de Rates <sup>(1)</sup>, como a

---

(1) *Manuel Monteiro — S. Pedro de Rates :*

...«S. Tiago viera, na sua missão apostólica, até este recanto da península ibérica, levantara em Braga um templo dedicado à

Santa Comba, de Coimbra <sup>(1)</sup>, a lenda enflorou de maravilhoso seu martírio e o seu aparecimento <sup>(2)</sup>. Luzeiro celeste escorrendo pela noite meditativa ofuscava os olhos turvos de rezas e penitências de pobre e ignorado monge. Pareciam estrêlas descidas do céu a ajardinar de graça, de côr e de perfume o souto espesso. Ali jazia o servo do Senhor. As feras não haviam tocado a sua carne, e, perto, uma fonte de água, muito cristalina, leve e fresca, jorrava abundante. Ergue-lhe o povo sepultura rude e tósca no ensombrado

Virgem nomeando pastor da nova diocese a Pedro, ao qual, por mercê divina, ressuscitou, pois centenas de anos havia que era morto; o novo prelado prosseguiu com ardor a tarefa cristianizante do excelso padroeiro da Espanha e, por tanto zelo e empenho, padeceu o martírio em Rates onde se havia refugiado: numa ocasião em que celebrava missa a sua virtuosa cabeça, aos golpes do ferro inimigo, caiu e rolou! Como a perseguição aos adeptos do novo credo abruptamente os afugentasse, longo tempo ficou insepulto o corpo do mártir que fôra vítima da religião que tanto servira e amara. Mas um solitário eremita, de nome Félix, que vivia num monte próximo, por avisos celestes acudira ao local, e, com seu sobrinho, também anacoreta, deu sepultura ao cadáver decomposto e mutilado do santo bispo. ...

<sup>(1)</sup> *Raúl Brandão — Santa Comba (de Coimbra) — (in Serões, vol. III, pág. 141 e seguintes):*

... «Diz o P.<sup>e</sup> Rosário que o corpo da virgem foi depois achado, daí a muitos anos, no lugar do seu martírio, por uns monges. Viram os religiosos, algumas noites a fio, um estranho resplendor que partia do céu sobre as árvorezinhas do pousio onde a Santa fôra sepultada.» Para se conservar virgem, pedira a Deus a tornasse horrorosamente feia. ...

<sup>(2)</sup> A narrativa é sucessivamente e carinhosamente adjectivada com pequeninas notas imprevistas.

*Conego Gaspar Estação — Varias Antiguidades de Portugal (1625):*

«E o de S. Torcato (o corpo) diz a tradição antiga que se achou junto de Guimarães perto do mosteiro onde ora está, ao pé de um monte junto de uma formosa fonte por uns lumes, que de noite sobre ele apareciam, onde se edificou a ermida, que ainda vemos, a que chamam «*san Torcade o velho*», donde o mudaram para o mosteiro, que se lhe fez de sua advocação.

Quem edificou este mosteiro ao glorioso S. Torcato, o não pude achar; mas acho ser antiqüíssimo, porque do inventário da fazenda do mosteiro da Condessa dona Mumadona consta que el-Rei Ranemiro o deu ao mesmo mosteiro da Condessa. E assim esteve

sítio e, entretanto, curam os sábios da igreja de identificar o morto.

Escrevia *Flaubert a Louise Colet*: ... «*Nous ne valons quelque chose que parce que Dieu souffle en nous; c'est là ce qui fait même les médiocres forts, ce qui rend les peuples si beaux aux jours de fièvre, ce qui embellit les laids, ce qui purifie les infâmes: la foi, l'amour. «Si vous avez la foi vous remueriez des montagnes.» Celui qui a dit cela a changé le monde, parce qu'il n'a pas douté.*»

Aquele cadáver provocou verdadeiros milagres

até o tempo del-Rei dom Afonso Henriques, que o desmembrou, e tornou a dar a frades, como adiante se dirá.

Depois em diversos tempos achámos memória do santo, como se coíge de algumas palavras de doações, que parece o estão fazendo ali. Pois são as de que usa el-Rei dom Fernando de Leão e de Castela na carta do privilégio que concedeu ao mosteiro da Condessa, de que atrás fiz menção, onde diz que o homicídio, furto, e qualquer calúnia, que acontecer na terra do mosteiro da Condessa, *Discurrant per manus Vicarij ipsius coenobij, et in omnem terram sancti Torquati similiter faciant*. Foi feita no ano do Senhor 1049. Semelhantes são as de Menendo Viegas em outra carta de permutação, também atrás alegada, onde diz assim: *Haereditatem habemus, quae iacet inter sancto Torquato, et illa portella de Morteira*. Foi feita no ano de 1073. ...

*D. Rodrigo da Cunha (Arcebispo de Braga) — Historia Ecclesiastica dos Arcebispos e S.<sup>tos</sup> Varões illustres que floresceram n'este arcebispado (1635):*

«O lugar de sua morte, cremos, foi não muito longe donde agora se venera o corpo de S. Torcato, uma légua das ruínas da antiga cidade de Citânia, e meia da vila de Guimarães; e porventura seria o mesmo em que os enterraram os cristãos e se edificou uma pequena ermida que ainda hoje dura e se chama «*S. Torcade o velho*». Ali por meio de uma luz do Céu foi achado o precioso tesouro, e trazido com grande solenidade para o mosteiro de seu nome, obra antiqüíssima, e de cuja primeira fundação nenhuma notícia se tem. Jazem as sagradas reliquias em capela particular, metidas em um sepulcro de pedra tósca, a quem sustentam quatro colunas com grades de ferro ao redor, onde são veneradas de todos os moradores daquela terra; acreditando Deus a intercessão de seu servo com muitos milagres, que com a terra de sua sepultura e azeite de sua alâmpada cada dia é servido «brar.»

*P.<sup>e</sup> Torquato Peixoto de Azevedo — Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães (1692):*

«Encobriu o tempo o lugar em que ficou o corpo de S. Torcato, o qual foi descoberto daí a muitos anos, e ainda estivera oculto se Deus o não manifestara, fazendo aparecer luzentes chamais

de fé. As pesquisas, embrenhando-se em fantasias de erudição, nada tiraram diretamente a limpo. Tinham-lhe chamado Torcato e queriam uns que houvera sido Arcebispo da Citânia de Briteiros e discípulo de S. Tiago, unindo-se à corrente em moda que fazia por aqui peregrinar o Apóstolo, a caminho de Compostela, convertendo os ímpios, substituindo o culto de Ceres pelo cristianismo; esbaforiram-se outros, com o mesmo valor, afinal, a inventá-lo como Arcebispo de Braga,

no meio de entrelaçados matos, os quais foram causa de se examinar o prodígio: e examinando-se o lugar, viram que apenas estava uma pequena parte chamuscada, e tudo o mais como se ali não aparecessem tais, e tantas chamas, sinal de que ali estava encoberto o motivo do prodígio: neste lugar encontraram um montão de pedras de que saía admirável cheiro: não se atrevendo a profanar o lugar, deram parte no povoado de que vieram os sacerdotes a desfazer o monte de pedras, e dando fim ao monte acharam o corpo do santo bispo com o distintivo episcopal, e tirado o corpo saiu da terra uma caudalosa fonte, cujas águas teem sarado várias enfermidades, e ali vem muita gente em romaria.»

E continua: o corpo foi levado para o mosteiro de Santa Maria, que depois teve o nome do santo, distante daquele lugar um tiro de besta para o nascente e ali colocado em sepultura de pedra em uma capela à mão esquerda e aonde é muito visitado, principalmente no 1.º de Maio, dia de sua festa, em que há grande feira. No lugar do martírio levantou-se uma ermida que inclui a fonte milagrosa, tam abundante que dá ali princípio ao rio Selho.

*Domingos da Soledade Sillos — Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato, Arcebispo de Braga* (1853):

«Abandonado o Santo cadáver, e coberto de pedras pelos bárbaros, em desprêzo, assim esteve escondido o tempo que aprouve à Divina Providência, pois que ao certo não se sabe a época do seu aparcimento.

E' certo que sobre aquele sítio descobria um Monge Beneditino tódas as vezes que ia, à meia noite, tocar a Matinas, uns meteoros ou estrêlas, que pareciam cair naquele lugar. Contudo não era visível aos outros o que Deus só queria manifestar àquele seu fiel servo.

Divulgada esta maravilha do Céu, os povos correm ao sítio, e tirando o mato e outras muitas ervas, apareceu um montão de pedras, das quais saía um agradável cheiro, prognóstico de alguma cousa maravilhosa. Chamaram os Sacerdotes, e invocando com preces e orações a vontade do Céu, foram pouco e pouco desentulhando as pedras, até que acharam o Santo Prelado !!!...

Tinha vestido uma samarra cõr de telha: e ao lado esquerdo um pau ou cajado tãco, insígnia da sua jurisdição.

Torcato Félix (1). A contenda ainda hoje não pode considerar-se terminada, nem o será nunca, por certo, tal como foi posta, continuando a notar-se a disparidade de datas e o mesmo infundamento de tódas as versões rivalizantes (2).

E' fácil descobrir o raciocínio doutoral da igreja — um santo de tam alta e clara fama, tam verdadeiramente grande e respeitado em milagres, exposto e ressurgido da crueldade do tempo e já com os séculos a encinzá-lo de veneração, deveria, para maior lustre

Deus Nosso Senhor, para mostrar o seu poder, e dar logo uma prova da santidade do seu fiel servo, fêz rebentar uma fonte de água salutar, no mesmo lugar onde estava o Santo cadáver, tam perene e constante, que corre para o rio de Selho, que traz de perto o seu princípio. Fazendo além disto as suas águas miraculosas curas ainda hoje.»

A seguir diz como a piedade dos povos levantou neste lugar uma ermida, a que ainda ouviu chamar — «*S. Torquato o Velho*», onde o Santo esteve até ser trasladado para o Mosteiro — que, páginas antes, referindo-se ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, conta este dar como conhecido, há mais de quarenta anos antes de 760, por mosteiro de «*S. Torquato o Velho*».

(1) *Gaspar Estação — Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 32, 33, 34, 35; *P.º Torcato Peixoto — Memorias Resuscitadas*, cap. 99 e cap. 100; *D. Rodrigo da Cunha — Historia Ecclesiastica dos arcebispos e dos S.ºs Varões illustres que floresceram n'este Arcebispado* (de Braga), cap. 100; *D. Rodrigo da Cunha — Catalogo dos Bispos do Porto*, cap. 11; *Domingos da Soledade Sillos — Vida preciosa e glorioso martyrio de S. Torquato, Arcebispo de Braga*, antelóquio e primeiras páginas; *P.º Antonio Carvalho da Costa — Chorographia Portugueza*, tomo primeiro, cap. VIII; *Albano Bellino — Archeologia Christã*, pág. 222 e seg.ºs.

(2) A título de curiosidade estes apontamentos:

*D. Rodrigo da Cunha — Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*:

«Não nos consta do tempo que o Bispo Félix conservou o govêrno das igrejas do Porto e Braga. Sabemos que já se não achou no 17.º Concílio Toledano que foi o último daquela cidade. Celebrado no 7.º ano do reino de Egica, e no de Cristo 694 aos 9 de Novembro, que foi pouco mais de ano e meio depois do 16.º Concílio Toledano, em que dissemos assistira, porque se congregou ao primeiro de Maio do ano de Cristo 693, e este 17.º aos 9 de Novembro do ano de Cristo 694. Mas nem daqui se pode coligir a morte deste Prelado, de cuja bem-aventurada vida e santos costumes fion o Concílio Toledano o aproveitamento de suas ovelhas, porque poderia

das fabelas correndo em espanto de vizinho a vizinho e de pais a filhos, ser um grande, um Príncipe da Igreja. O nodoso bordão de pastor ou caminharinho foi assim arvorado em báculo — o cajado do pastor de almas —, a estaménha terrosa nas vestes sacerdotais de fervoroso combatente à fé de Cristo; à sua morte cingia-se a auréola do martírio, como a coroar-lhe a fronte calva assentava bem a mitra. Mais singelamente o povo teve-o e mantém-no por S. *Torcade*, homem forte, servo humilde de Deus, milagrosamente apareci-

com o governo dos dois bispados estar tam occupado que não pudesse assistir no Concílio, ou alguma indisposição lhe seria causa de se não achar presente. De crer é que nomearia successor seu neste bispado do Pôrto, cuja noticia nos não chegou, por se acabarem os concílios, a que acudiam os Bispos, e até agora nos serviram de tesouros, em que achámos os poucos que deixamos referidos, perda que não foi das menores, que consigo nos trouxe a perda de Espanha, *que ou succedeu no tempo do nosso Bispo Félix, ou pouco depois da sua morte*, e foi da maneira seguinte» (a perda de Espanha).

*Termo do Azeite (para a lâmpada do Santo) em 1693:*

...«encomendão, e encarregão os atrás declarados (Mordomos) aos vindouros por Zêlo e Serviço do Nosso Patrão São Trocade, Discipulo de São Thiago no tempo da Virgem Senhora Nossa, que por fé se crê falou com ella muitas vezes; unico corpo inteiro, que assim o Ceo conserva á mil e seis centos, e sessenta annos, e desta era não há noticia de outro Corpo Sancto inteiro; há de Ossos e Reliquias de muitos Sanctos, mas inteiros somente a Freguezia de São Trocade tem este nimo, e Palma: Ora a este Bispo e Pastor Divino entreguemos todos os nossos Cuidados, para que elle tome por sua conta as nossas Almas.»...

*Festa do Santo (Cap. 12.º dos Estatutos, 2-Junho-1805):*

«No dia do Domingo primeiro do mês de Mayo de cada anno, na forma praticada, se fará a Festa do Nosso Sancto a qual constará de Missa de tres Padres, Sermão, Muzica, e Senhor Expôsto, podendo ser, e para isso se armará a Igreja com toda a decencia devida, e ainda com aquella pompa, que pede semelhante acto, para o que o Thesoureiro e Procurador procurarão tudo o preciso, e apromptarão o necessario ajudados dos Mordomos vagos; e para que estes não trabalhem, e despendão sómente, hum mez antes da Festa o Juiz convocará a Meza, e ahy prometerão as suas esmolas para a mesma Solemnidade e dipois passará o Procurador a saber da Juiza e Mordoma o quanto offerecem e á proporção das promessas determinarão a grandeza da Festa, devendo esta ser feita das esmolas da Mêza; e quando seja preciso, poderão aplicar metáde das sóbras do rendimento dos juro, e esmolas para a mesma, e o

do entre a selva obscura e milagrosamente carinhoso para todos os que sofrem e imploram. S. Torcade... montanhês, eremita, pobre guardador de rebanhos, caminharinho vergado de aflições e de sonhos...

As dissensões doutorais não abalam a fé popular. Enraízam-na. A incorruptibilidade do cadáver e a certeza de milhares e milhares de milagres, eis o que o povo vê e lhe basta. Tem, para a sua crença, essas bases como seguras, indestrutíveis. ¿Que lhe importa o nome, a origem, a hierarquia? Por sua intercessão

mais hirá a augmento do Caxo. E recomendamos muito ás Mêzas fucturas não gastem dinheiro superfluo, muito principalmente em actos indecentes, como Comédias, bailes, mascaras, e outras couzas desta naturêza tão alheias ao Sagrado objecto de que tractamos, e fazendo o contrário não lhes será levado em conta.»

*P.º Torquato Peixoto — Memorias Resuscitadas:*

...«No ano de 1538 chegou à Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira um Mounge, prelado na Espanha, homem de autoridade, e se offereceu a pregar na dita igreja o primeiro de Maio, e vendo que tôda a gente concorria para a igreja de S. Torcato, por ser sua festa neste dia, e estar distante da vila só meia légua: pôz então do púlpito para aquella gente, estava enganada em cuidar que S. Torcato estava enterrado nesta terra: ao que os assistentes fizeram grande rumor: acudiu o chantre Mateus Peixoto, que estava no côro, e chegando ao púlpito disse: «Reverendo padre, nêsse lugar não se pregam mentiras, descei-vos daí, e não digais mais palavra»: e êle desceu mal reputado.»

Então o cabido, com povo e ladainha, foi, na primeira sexta-feira de Setembro, a S. Torcato. Abriu-se o sepulcro e o Santo esteve patente à multidão. «O corpo estava inteiro, com uma vestimenta branca franzida pelo pescoço como de estaménha, tinha uma mitra na cabeça de tabi branco, um báculo de pau ao pé, e uma cruz de pau sôbre o peito.»

Num *Kalendarium Missarum Sanctorum Hispanorum*, impresso na «Architypographia Plautiniana», em M.D.CC.XXXIV., lá vem a 15 de Maio: «S. Torquati Episcopi & martyris. Simiduplex.» E diz a oração: «Deus, qui nos per beátum Torquatium martyrem tuum atque Pontificem ad agnitionem tui nominis venire tribuisti: concede propitiis; ut cujus natalitia colimus de ejusdem etiam protectione gaudeamus.» E a Epístola: «Beatus Torquatus primus Accitanorum Pontifex, hodie coronatus, cum Christo regnat in aeternum.»

Este é, pois, o S. Torquato da Acitânia: e já são dois, e ambos arcebispos e mártires, no mesmo dia... E os padres, que rezavam a missa por êste mesmo missal, celebravam o nosso S. Torcato de S. Torcato...

a vontade de Deus faz-se conhecer, temer, adorar em gratidão e contentamento. Quem lhe estende as mãos recebe a sua esmola e o seu coração, através o corpo escurecido e gelado por um sono mais antigo que os séculos do nosso nome, está sempre atento ao que lhe segredam em ânsias e tormentas íntimas, supremamente dolorosas ou rasteiramente mesquinhas. Santo e bem santo, santo e grande santo o seu S. Torcato que das pedras dos túmulos êle povo foi erguendo à luz do altar e à urna de cristal que o tivesse presente aos olhos que o procuravam. E quantos anos e quantos exames não foram precisos!...

*Nota cont. da pág. anterior:*

Da *Serie Chronologica dos Prelados conhecidos da Igreja de Braga* (Coimbra, 1830):

...«Felis, Bispo de Braga pelos anos de 693, etc.... Era Bispo do Porto. Assistindo como tal no Concílio XVI de Toledo em 693, os PP. dêste o transferiram da sua Sede para a Primacial de Braga, da qual os mesmos PP. transferiram para a de Sevilha o Bispo Bracarense Faustino. O Clero Bracarense, fundado no seu último infeliz Breviário (o de D. Rodrigo de Moura Teles) dá o culto de Santo, e Santo Mártir, a êste Bispo Feliz, com rito solene a 26 de Fevereiro: sendo que nunca foi reconhecido por Santo na Igreja, nem ainda na particular Bracarense em tempos mais antigos.»

E assim, cada vez a pior... Nem S. Torcato da Acitânia, porque jaz seu cadáver em Cela-Nova, nem S. Torcato de Braga, porque nem era Torcato, nem era Santo...

Albano Belino escrevia: «Os falsos *Cronicões* de Juliano Peres, padre Higuera e Flávio Dextro, originaram entre os escritores João de Barros, Gaspar Estação, padre Carvalho da Costa, Silva Tadin, D. Nicolau de Santa Maria, D. Tomás da Encarnação, padre Torcato de Azevedo, fr. Bernardo de Brito, Jorge Cardoso, D. Rodrigo da Cunha, Vaseu, padres Bolandistas (antuerpianos), fr. Henrique Florez e outros desencontradíssimas opiniões acerca dêste Santo, muito especialmente da sua autenticidade como Bispo de Acci (Guadix em Granada), da Citânia de Briteiros, ou de Braga.» E ingenuamente confessa que a contenda se deve considerar terminada porque o Arcebispo Moura Teles o incluiu como Félix Torcato, com rito e lições, num folheto de Santos!

Mas nem todos os Arcebispos ajuizam pelo mesmo entendimento e surgem, por vezes, com asperidões e feia catadura, não deixando em paz o nome verdadeiro do Santo morto.

## DOS AUTOS PARA A ELEVAÇÃO DO CORPO DE S. TORCATO

(MEMÓRIA DO LIVRO DOS ESTATUTOS)

14 - Julho - 1637

Aberta a sepultura encontraram o Santo:

«Estava inteiro em carne sem lesão alguma mais que em o pescoço tinha um buraco, que denotava ser golpe, e na pá entre uma, e outra um buraco redondo, o mais estava inteiro. As mãos eram muito compridas e alvas, a esquerda assentava sobre o peito a direita sobre ella; mas os quatro dedos em vão. os olhos cheios e compostos, era calvo, e o rosto grande; mas agudo em a barba, era muito grosso, porque com a sepultura ser muito grande, e alta, e as mãos terem cobertura, e os pés estão ainda encolhidos. A' cabeça está uma almofada grande, e aos pés vimos um sapato de couro descosido; trazia vestido uma alva de Olanda, que lhe cobria os pés, e sobre ella uma Opa como a que trazem os Bedeis e o Porteiro da Maça, de barbilho côr de telha; mas não trazia mangas perdidas, mas vestidas, e os braços eram muito grossos. Junto ao Corpo a mão esquerda ao longo da parede (porque a cabeça está para a porta) está um baculo de pau o qual até o meio é redondo, e bem torneado d'ahi abaixo é oitavado meúdo, e está muito forte, porque o tiramos e vimos bem.»

A sepultura acabou de ser fechada a 18 daquele mês. O Arcebispo fôra visitar o Mosteiro a 20 de Maio e o povo, cuidando êle quisesse roubar o Santo — «por estar em a sepultura que agora se vê engastada em a outra nova, sem mais guarda que um gato de ferro» —, amotinou-se, acorrendo as freguesias vizinhas e todos com «animo de oferecer as vidas em a defença» do que tinham por tam precioso tesouro. Trataram então

da reforma da sua sepultura, segurando-a e guarnecendo-a. Antes de assentarem as pedras, vieram os Cônegos, não menos cubiçosos do que o Arcebispo, e procedeu-se àquela exposição e exame. O auto, existente no Arquivo da Colegiada, difere um pouco. Aqui se diz que, no dia 14 de Julho (1637), na capela do bem-aventurado *S. Trocade*, sita no corporal do seu Mosteiro, compareceram o Doutor Rui Gomes Golias, Mestre-Escola na Colegiada, Baltasar de Meira, Arcipreste e Morgado de Poveiras, Miguel da Silva de Melo, Cristóvão Ferraz dos Guimarães, Miguel da Fonseca Arrochela, todos Dignidades e Cônegos, o cura António Coelho, Paulo Barroso Coelho, meio-prebendado, o reitor e vigário de S. Torcato Licenceado Jerónimo Coelho, o notário Diogo de Barros e os pedreiros. Acenderam-se círios e rochas e rezaram a antífona. E, conta o notário:

...«o qual (o corpo do Santo) achamos, e vimos inteiro organizado, e incorporado em carne, e osso, mirrado, orrosto (*sic*) virado para a banda esquerda, com olhos, nariz, boca, barba, orelhas, perfeitamente compostas, de modo que bem mostrava as feições de homem. Tinha a mão direita sobre a esquerda, e ambas se julgavam, e devisavam com osso, e carne mirrada sobre elle, grandes, e direitas que paresião de homem de grande propoção; o Peito grande, e alevantado, todo composto de ossos e carne mirrada, e dahi para baixo senão via mais partes por estar envoltas nas vestiduras ate a parte dos gíolhos, as quoaes vestiduras erão. Alva de linho muito fino, e oítra vestimenta por sima taobem delgada que se não julgava se era seda, selam, por estar pegada no corpo, e a cor desbotada; Ao pe tinha um sapato que se julgava ter couro, e sola, e da parte esquerda um pedaço de pau redondo de comprido de tres, ate quatro palmos, e numa das pontas, tinha uma ? que paresia ter outro pão em sima, e era feito de torno, groso que emchia a mão de qualquer homem.»...

Entre as testemunhas, assina Domingos de Freitas, mestre architecto da obra de pedraria, que andava no mosteiro.

E' conhecida a proeza do Doutor Rui Golias. Conta o *P.<sup>e</sup> Torcato*: em 22 de Junho de 1512, foi o Mestre-Escola, com outros Cônegos, ao Mosteiro de S. Torcato e juntamente com o Vigário, já nosso conhecido, Jerónimo Coelho, abriram o sepulcro e acharam o corpo todo perfeito e as vestes intactas: «com esta vista se animou o mestre-escola a tirar do santo corpo, escondidamente, um osso de um pé sem ser visto de muita gente que ali estava: e tôda a relíquia que arrancou saiu manchada de sangue claro, como se fôra tirada de corpo vivo, como ainda se está vendo no santuário da real Colegiada.» <sup>(1)</sup> Há engano do *P.<sup>e</sup> Torcato*. Devia ser em 1637.

O tornozelo faz hoje parte do Tesouro da Oliveira.

## AUTO DA TRASLADAÇÃO DA RELÍQUIA DE S. TORCATO

21 - Dezembro - 1662

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seiscentos sessenta e dous annos aos vinte e um dias do mez de Dezembro do dito anno na Sâchristia da Insigne e Real Collegiada Igreja de Nossa Senhora da Oliveira desta nobre e leal villa de Guimarães adonde eu Paulo Gomes presbitero publico notario ap.<sup>co</sup> aprovado na forma do Sagrado Concilio

<sup>(1)</sup> ...«A relíquia, que se sabe, e se conserva n'esta Igreja desde o anno de mil seiscentos e sessenta e dois com culto publico, assim como o gosa o Corpo do Santo na sua Igreja á muitos seculos, e certamente antes da formalidade, e ceremonias da Canonisação, é um calcanhar ou tornozello do Santo que furtou piedosamente o Doutor Ruy Gomes Golias Mestre Escola d'esta Igreja quando se abriu o sepulchro em mil seiscentos trinta e seis (?) e a trouxe para a sua Capella (hoje da casa de Lamellas) onde esteve o anno de mil seiscentos sessenta e dois em que se trasladou para esta Collegiada com procissão solemne e grande pompa, como tudo consta do auto original que se guarda n'este Archivo.» — (*Dos autos para a elevação do Santo*, Arquivo da Colegiada).

Tridentino natural e morador na dita villa e escrivão do ecclesiástico na dita Igreja fui vindo por mandado do Reverendo Doutor Sebastião de Almeida Sequeira Conego e Vigario geral della pelo Illustrissimo Senhor Dom Diogo Lobo da Silveira Mestre na sagrada theologia pela Universidade de Coimbra sumilher da cortina de sua Magestade que Deus Guarde e Dom Prior da dita Igreja para fazer este auto por ordem e mandado do dito Senhor, em como sabendo elle por Ignez de Guimarães, Catharina Golias, e Luiza de Guimarães donzeilas e pessoas de qualidade naturaes e moradoras nesta dita villa, que o Doutor Ruy Gomes Golias, seu tio Mestre Escolla que foi nesta dita Insigne e Real Collegiada, lhe deixara por sua morte em seu poder, e como em deposito uma reliquia do Corpo do Glorioso Bispo e Martir São Trocato, cujo sagrado corpo está no Mosteiro e Igreja parochial do Couto que chamam São Trocato termo desta dita villa a qual Igreja é annexa in perpetuum á Meza Capitular desta dita Insigne Collegiada a qual reliquia trouxera o dito Mestre Escolla no anno de mil seiscientos trinta e sete quando fora em companhia de outros Capitulares guarnecer de pedra o sepulchro do dito Santo por estar com menos decencia do que convinha do que tudo se fizera auto que está no archivo desta dita Igreja Collegiada do que outro si constou ao dito Senhor Dom Prior, assim pela maior parte dos Reverendos Capitulares antigos desta dita Igreja como por pessoas antigas de calidade desta dita villa, e tratando o dito Senhor Dom Prior de trazer a sancta Reliquia pera esta dita Collegiada Igreja, ordenou cô o Reverendo Cabido della fazer hua procissão publica e solemne em que assistissem as Comunidades das Religioens desta dita villa, e as Justicas e Camera della, e com effeito se fez a dita procissão no dito mez e anno atras declarado, a qual sahiu da dita Igreja indo debaixo do paleo o Reverendo Hieronimo da Rocha freire Arcediago de Villa Cova hũ dos Capitulares della revestido em vestes sacerdotaes com capa dasperges cô hũ menino Jesus nas mãos levando as varas do paleo Estevão Machado de Miranda || Pedro Machado de Miranda || Antonio Ferreira da Maya seus filhos || Bento da Costa da Silva || Pedro Coelho de Miranda || e João Pereira || pes-

soas nobres e de calidade e das familias desta villa e da governança della prezedindo atras o Illustrissimo Senhor Dom Prior, e em seu lugar o Reverendo Cabido com todos os beneficiados e sacerdotes a ella sogeitos, e os parochos e curas das mais Igrejas desta dita villa, seguindo-se adiante do dito Reverendo Cabido o Reverendo padre frei Francisco de Lemos Prior do Convento do patriarcha São Domingos cô toda a comunidade de seus Religiosos, e bem assim o Reverendo padre frei João de São Miguel goardião do patriarcha São Francisco com todos seus Religiosos e comunidade com suas cruces levantadas acompanhadas com seus ciriaes levadas por seus solafrios, e atras do paleo em corpo de Camara o Doutor Sebastião Antunes Rego Corregedor da comarca e o Doutor Antonio de Azevedo Craveiro provedor da comarca, e o Doutor Affonso Teixeira de Mendôça Juiz de Fora || Christovão Machado Riconado o lecenceado Antonio da Costa de Miranda o lecenceado Antonio de Moraes vereadores Dionizio damaral de Barboza escrivão da Camara, Francisco Luiz Pinheiro procurador do Concelho, os dous misteres do povo com a mayor parte delle assim da nobreza como da gente popular com a Capella e musica da dita Igreja e danças que ornavão a solinidade da procissão hindo pelas ruas principaes chegarão á Capella das ditas Ignez de Guimarães e suas Irmãs atrás nomeadas e entrando nella o Reverendo Cabido acompanhando ao prestes o Reverendo Arcediago com toda a mais gente q pode nella entrar e chegando ao Altar adonde estava a sancta Reliquia em hũ cofre de prata acompanhada de muitos lumes a tomou em suas mãos cô muita veneração que elle e todos os presentes beijarão com grandê respeito, sahindo da dita Capella veio debaixo do paleo com a santa Reliquia em suas mãos, e continuando a procissão na forma sobredita por outras ruas publicas e principaes se recolheu á dita Insigne Collegiada com grandes jubilos de Alegria do povo, e posta a santa Reliquia na Capella maior e Altar de Nossa Senhora da Oliveira se continuou á missa cantada a choros com toda a solenidade a canto de orgão em que pregou o dito padre frei Francisco de Lemos prior do Convento de São Domingos assistindo a tudo o Senhor Dom Prior Reverendo Cabido e co-



munidades dos Religiosos de São Domingos e São Francisco Justças e Camara em suas cadeiras de espaldar em corpo de Camera com a maior parte do povo e acabada a missa pelo Reverendo Arcediago de Villa Cova Hieronimo da Rocha Freire tomando a sancta Reliquia em suas mãos metida dentro do dito cofre de prata a qual chegaram a beijar e venerar todo o Cabido beneficiados nobreza e povo que presente estava, foi levada em procissão a Sächristia da dita Igreja para ser recolhida e guardada no thesouro da dita Igreja ao que foi presente elle o dito Vigairo geral e o R.<sup>do</sup> Conego Antonio de Souza de Mesquita fabricante da dita Igreja e deputado pelo Illustrissimo Senhor Dom Prior pera o tal effeito comigo sobredito notario e logo ahi abrirão o dito cofre e dentro delle acharão a sancta Reliquia do glorioso Bispo e Martir São Trocato em volta em hũ lenço de linho fino, a qual reliquia consta de um pedaço de osso grande q. mostra ser hũa nos de um pé continuada com um pedaço de osso q. mostra ser da cana da perna, e um pedaço de carne já mirrada despegada do dito osso cõ grande cheiro e suavidade e visto e examinado tudo em presença de mim notario na forma sobredita mandaram elles ditos R.<sup>do</sup> Vigairo geral e Conego Antonio de Souza de Mesquita vir a Benito Rodrigues, e Joseph de Mesquita orives de prata pera fecharem o dito cofre os quaes com chapas e vergas de prata e instrumentos necessarios fecharam e cravaram o dito cofre de prata dentro do qual asim fechado ficou a sancta Reliquia metida no thesouro sito na sächristia da dita Collegiada entregue ao P.<sup>e</sup> Thomé Ribeiro subthesoureiro della do que tudo eu notario dou e porto minha fé por me achar presente a todos os actos atraz declarados neste auto o que tudo foi sendo Papa e presidente na Igreja de Deus Alexandre septimo, e Rei destes reinos de Portugal Dom Affonso sexto, estando vacante a sancta Sé de Braga primaz das Hespanhas o qual auto asinação os ditos Doutor Vigairo geral e o Conego Antonio de Souza de Mesquita e o dito Padre Thomé Ribeiro comigo sobredito notario sendo mais testemunhas presentes o Reverendo Conego Cura João de Figueiredo Barboza, e Frutozo Barboza familiar do dito Reverendo Vigairo Geral, e Jorge Correa familiar do P.<sup>e</sup> Thomé

Ribeiro sachristão da dita Igreja o qual instrumento eu notario fiz e asinei de meu publico sinal e raso que se oferecem para se meter no Archivo desta Real Collegiada e para se delle darem e tirarem as certidões necessarias para se porem nos Conventos e casas de Religiosos desta villa de Guimarães dia mez e anno atraz declarado Paulo Gomes presbitero notario app.<sup>co</sup> que o escrevi e asinei de meus sinaes que se oferecem. Paulo Gomes. (Sinal público). Sebastião dAlmeida Sequeira. João de Figueiredo Barboza. Jorge Correa. Frutoso Barboza. Antonio de Souza de Mesquita. Thomé Ribeiro."

O cadáver, primeiro sepulto junto à fonte, no sítio que ficou conhecido por *S. Torcato o Velho*, é levado para o Mosteiro, onde se instalaram os Agostinhos (1)

(1) *D. Nicolau de Santa Maria — Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho — (1668):*

«O primeiro Mosteiro que se tirou à Ordem Canónica de Santo Agostinho na Província de Entre Douro e Minho foi o *Mosteiro de Santa Mariinha da Costa de Guimarães*, que está edificado em sitio mais aprazível à vista da mesma Vila de Guimarães da parte do oriente, no lado de uma serra, costa arriba, donde parece tomar o nome de *Mosteiro da Costa*.» — (Liv. 6.<sup>o</sup>, cap. 12, parte 1.<sup>a</sup>).

«O quinto Mosteiro, que foi dos nossos Cónegos, e se uniu à Igreja Colegiada de Guimarães, é o de S. Torcato, distante uma légua da mesma Vila. A invocação com que foi fundado era de *Santa Maria*; mas depois que nêle foi pôsto o corpo de S. Torcato, Arcebispo de Braga, que, no tempo da perda de Espanha e entrada dos Mouros em Portugal, pelos anos de Cristo de 719, foi martirizado pela Fé, pelo Capitão dos Arabes chamado Muça, em razão dos continuos milagres que o Santo Mártir naquela Igreja obrava, foi pouco e pouco perdendo o nome de *Santa Maria* e se chamou de S. Torcato, como vemos em Roma que a Igreja de S. *Lourenço* perdeu o nome depois que para ela se passou o corpo do Papa S. Dâmaso, nosso Português, e se chama hoje de seu nome S. *Dâmaso*.

Quando el-Rei D. Afonso Henriques fêz doação dêste Mosteiro aos nossos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, ordenou por carta sua, que se guarda na Colegiada de Guimarães, que o Mosteiro se chamasse de *Santa Maria*, titulo com que foi fundado; porém esta ordem de el-Rei não teve effeito, porque o Mosteiro reteve o nome de S. *Torcato*, que hoje conserva. Na carta de Couto que o mesmo Rei fêz a êste Mosteiro e a seu Prior D. Paio e a seus

em tempo de D. Afonso Henriques. Depois de 1637, o túmulo é novamente aberto quando correu processo para a trasladação do Santo.

## TÉRMO DO DESCOBRIMENTO DO TÚMULO EM QUE SE ACHAVA O CORPO DE S. TORCATO

17 - Junho - 1805

«Aos dezasete dias do mez de Junho de mil oitocentos e cinco nesta freguezia de São Torquato, e Igreja della aonde foi vindo o Reverendo Antonio Lopes Paulo Abbade de Santo Thyrso de Prazins comigo Escrivão da Camara Ecclesiastica para o effeito de assistir em virtude da Commissão retro do muito Reverendo Se-

Cónegos lhe chama de *Santa Maria* e de *S. Torcato* por estas palavras:

*Haec est charta Cantu, quam ego Alfonsus Rex Portug. pro amore Dei, et remissione peccatorum meorum, facio Ecclesiae S. Mariae & S. Torquati & coet. & vobis Domno Pelagio ejusdem Ecclesiae Priori & coeteris fratribus tam praesentibus, quam futuris, qui in praefata Ecclesia bene vixerint & secundum Canonicam Regulam S. Augustini in sancta conversatione permanserint & coet. Facta charta in Era M.CC.XI.*

que é o ano de Cristo de 1173 em que neste Mosteiro floresceu a Ordem dos nossos Cónegos, e floresceu por muitos anos até o de 1474 em que, sendo Prior o Cónego João de Barros, se anexou à Colegiada de Guimarães por Breve do Papa Xisto 4.<sup>o</sup> — (Livro 6, parte I, cap. 13).

Veja — *Vimaranis Monumenta Historica* —, Pars II, pág. 94: «*Haec est carta cantu sive testamenti quam ego Alfonsus Rex Portugallensium una cum filio meo Rege Domno Santio et filia mea Regina Domna Tarasia pro amore Dei et remissione peccatorum meorum facio Ecclesiae Sanctae Mariae et Sancti Torcati et aliorum Sanctorum quorum ibi reliquiae reconditae sunt.*»...

Versa ainda a *Chronica*: «da *Insigne Colegiada de Santa Maria de Guimarães*, onde floresceu o Instituto dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho» e do *Mosteiro de S. Salvador do Souto*, que os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho possuíram até ao ano de 1552, em que o Arcebispo de Braga D. Baltasar Limpo o reduziu de Regular em Secular.

nhor Doutor Provisor ao descobrimento do Tumulo de São Torquato sito nesta mesma Igreja, e logo fazendo Oração elle Reverendo Commissario com o Reverendo Parocho da dita freguezia foi ao lugar onde se achava o tumulo e o achou formado de pedra por modo piramidal com o remate de uma cruz e duas columnas de pedra, e fechado com uma grade de ferro com uma alampada acesa defronte de um altar aonde está tambem uma Imagem do mesmo Santo vestido de Bispo com Mitra e insignias de Martir em cujo Altar se celebra Missa, e nas pedras que formam o mesmo Tumulo se acha no fundo d'ellas um letreiro, que diz assim = Anno de mil seiscentos trinta e sete, e se guarneceo esta sepultura, e aberta se achou o corpo e carne inteiro vestido em Pontifical com baculo = e na fronteira da pedra que cobre o mesmo sepulchro se acha outra inscripção que diz assim = Hoc tumulo illoesis conduntur canibus ossa. Torquati Divi pignora chara Deo =, e nesta forma se achou o dito Tumulo, e logo elle Reverendo Commissario mandou chamar dois officiaes de pedreiro chamados Francisco José de Castro desta mesma freguezia, e Manoel Domingues da freguezia de São Sebastião da Villa de Guimarães para haver de descobrirem o Santo Corpo na sua presença, e do Reverendo Thomaz Francisco da Silva Vigario desta freguezia, e do Reverendo Manoel José Vaz Vigario Geral do Reverendissimo Cabido da Collegiada da Villa de Guimarães, e o Reverendo Manoel Lopes Martins de Macedo Beneficiado em São Gens e Vigario de São Paio da mesma Villa, e José Bento Ribeiro Juiz deste Couto com a sua Camara, e Procurador chamado José Martins, e Escrivão José Leite Duarte, e logo elles ditos officiaes pedreiros depois de tirarem a lampada começaram a tirar as grades que cerravam o dito tumulo, e as mais pedras que o formavão e chegando á ultima no interior do mesmo Tumulo appareceu um cadaver, que sendo examinado pelo Doutor Medico da Villa de Guimarães chamado Miguel Rebello ao qual elle Reverendo Commissario elegeo para esta diligencia o achou na forma seguinte. Os ossos que formam a cabeça todos se acham unidos por meio das suas soturas, e musculos, no rosto as maxillas se achão unidas, ou articuladas nas suas proprias articulações,

e os dentes da mesma sorte, á excepção do superior que se não acha no , as costellas estão unidas nas suas proprias cavidades, no pescoço se achão destruidas as partes musculozas, e desarticuladas as vertebraes cerebicaes, aonde se divisa uma rotura grande que se pode conjecturar conforme a tradição que seria a parte aonde soffreo o martirio, no braço direito o osso humero se acha articulado e destituído de muscullos, e os dois ossos cubito, e radico, e toda a mão se achão articulados, e todos os dedos com suas unhas a excepção do plex que lhe falta, o mais corpo, e pernas se acha em parte desorganizada, e a perna direita se acha articulada, e destituída de muscullos, e todo o mais restante do Esqueleto se acha sem muscullos; mas com todos os seus proprios ossos, e nesta forma se achou o dito Santo Cadaver, assistindo a este exame dois Ecclesiasticos com suas sobrepelizes, e luzes acesas cantando-se o Te-Deum laudamus com a commemoração do mesmo Santo, e em todo este exame não se experimentou mau cheiro, ou corrupção. Achou-se mais o vestido lavrado, que por alguns pedaços que ainda conserva na forma mostrava ser de seda, e algodão, cor de telha, e appareceu mais ao lado esquerdo um pao malfigurado, que diz a tradição ser o Baculo do mesmo Santo o qual corpo e todas as mais insignias de que se faz menção em todo este termo se acharam dentro de uma pia de pedra chamada de = Ançã — com sua cobertura da mesma, e neste mesmo modo ficou sem que n'elle se fizesse manufactura, ou movimento algum mais do que o necessario para o referido exame, e ultimamente se cubrio com um cobertor de seda de damasco carmesim que foi atado na mesma pia, e sellado com cinco ligaduras, e com lacre vermelho, e ultimamente mandou elle Reverendo Commissario fechar uma grade de ferro que divide a mesma Capella cuja chave guardou até á chegada de Sua Excellencia Reverendissima mandando que a lampada que costuma estar acesa ao mesmo Santo se continuasse a accender da parte de fóra, e para maior cautela a recomendou ao Reverendo Parocho desta mesma freguezia que vigiasse, e acautelasse o mesmo sepulchro para que o não rompessem e ate a chegada do mesmo Excellentissimo Senhor e para constar foi este termo de que dou fé o

qual elle sobredito Reverendo Commissario assignou com o Doutor Medico e o Notario Apostolico Antonio Machado da Cunha Faria da Villa de Guimarães, que a todo o acto tambem assistio, e as testemunhas acima referidas e o Reverendo Conego Jose Maria da Maia que com o Reverendo Vigario Geral assignaram por parte do Reverendissimo Cabido da Collegiada da mesma Villa, e Eu Pedro Ignacio Rodrigues Costa presbitero secular, e Escrivão da Camara Ecclesiastica deste Arcebisado que o escrevi || Antonio Lopes Paulo Abbade de Santo Thyrsio de Prazins || Miguel Rebello de Basto || O Notario Apostolico Antonio Machado da Cunha Faria || Manoel José Vaz Vieira || José Maria da Maia || O Vigario Thomaz Francisco da Silva || O Beneficiado Manoel Lopes Martins de Macedo || O Reverendo Antonio José Lopes Abbade coadjutor de Santo Thyrsio de Prazins || José Bento Ribeiro || O Padre Domingos José da Costa || José n. a || José Leite Duarte || Do mestre pedreiro Francisco de Castro uma cruz || Manoel Domingues." (1)

#### TÉRMO DE DECLARAÇÃO

“Aos vinte e seis dias do mez de Junho do presente anno de mil oitocentos e cinco n'esta Igreja e freguezia de São Torquato, aonde foi vindo o Reverendo Antonio Lopes Paulo Abbade da parochial Igreja de Santo Thyrsio de Prazins para effeito de se mover o Santo Cadaver para a urna em que ha de ir para o novo tumulo se observou, que na mão em que se diz que faltava o dedo plex se achava este unido debaixo de outro dedo de modo que está a mão perfeita assim como a outra do braço esquerdo que tambem se acha perfeita com os cinco dedos e para assim constar fiz este termo, que elle Reverendo Commissario assignou com os Reverendos Thomaz Francisco da Silva Vigario desta freguezia o Padre Manoel Monteiro Viegas

(1) Reproduzimos o documento por ser a cópia de *Silos* imperfeita e truncada.

cura desta freguezia Jeronimo de Napoles Vaz Vieira, e Filipe Neri ambos da villa de Guimarães, que com elle tambem assignaram de que dou fé eu Pedro Ignacio Rodrigues Costa escrivão da Camara Ecclesiastica, que o escrevi." (Seguem as assinaturas).

Neste ano de 1805 é o Santo trasladado do sepulcro, com majestosa pompa, para a Igreja do Mosteiro. Presidiu o Arcebispo, D. Fr. Caetano Brandão, a urna foi transportada aos ombros das Dignidades e Cônegos, debaixo do Pálio, a cujas varas iam os de representação. Houve sermão, jantar <sup>(1)</sup>, *Te-Deum* e festa. E contente e varado certamente andava o povinho. Ele defendera obstinadamente a conservação do Santo na freguesia contra os desejos dos Cônegos, que muitas vezes o quizeram levar para a Colegiada, e da própria cubiça da Mitra Bracarense <sup>(2)</sup>. A trasladação para o novo templo é feita em 1852.

(1) No Arquivo da Colegiada há uma relação da Despesa que fez o Cabido com o jantar oferecido a D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, na casa da quinta do Gilde, quando da trasladação de S. Torcato, em 30 de Junho de 1805.

Mandaram fazer um forno, mesas, etc. O doce, preparado no Convento de Santa Clara, custou 34.250 e o do Convento do Carmo 22.120 e dois pratos de ovos queimados, do Convento das Dominicás, 1.615, além do fabricado na cozinha, onde gastaram 7 canadas de leite, ovos, passas, água de flor, etc.

Ali apparecem 4 canadas de azeite (2.560), 1 arroba e 20 e 1/2 de lombos (3.230), 3 arrobas e 8 de costeletas (6.240), 4 de carne (7.680), 4 línguas (1.680), 6 cabeças de miolos (200), 56 frangos e 10 galinhas (9.080), 4 perus (4.800), 4 patos (1.960), 4 gansos (1.000), 24 pombos (1.940), arroz, açúcar, queijo, macarrão, amêndoa, manteiga, canela, mostarda de França, farinha triga, vinhos, licores, o pasteiro das vitelas, leitões e coelhos (2 vitelas, 8 leitões, etc.), 3 carros de lenha e uma carga de carvão.

Custou tudo, comida, pessoal, vinho, louça que se partiu, tudo: 340\$660!

(2) O P.<sup>e</sup> Torcato diz existir no Arquivo da Colegiada uma carta régia de 29 de Fevereiro de 1501 ordenando que o corpo do Santo fôsse trasladado para a igreja Colegiada e lugar onde melhor approvesse ao Prior. Cabido, Câmara e Povo trataram de executar a apetejada offerenda. Assentaram o dia e planejaram as solenidades. Mas, quando se aproximavam do Mosteiro, à Cruz da Galhar-

Gente de capelas e santinhos, terra de milagres. Salpicam a orla marinha, como flocos de espuma branca, as ermidas, oratórios e cruzeiros. O nauta vai contando, invocando, rezando — marcos de afastamento, ao demandar os longes; faróis de graça, ao abicar à praia natal: em cada píncaro de fragas, na cavidade das rochas, onde um morro vulcânico se estende, fere e abraça a imensidade serêna e traiçoeira do lençol verde, picado da cabeleira das algas e dos sargaços com fios loiros à babugem resplandecente do sol. Espreitam, mais além (quando a margem é apenas a chã arenosa) da assomada das serras. Pequenas luzes, vagas e indistintas como suspiros de criança — os filhos — velando e sonhando, dormindo e esperando o bom do pòveiro, homem rude e fusco, de vincos de salitre — o pai. E' o *Senhor dos Marianes*, em Caminha. No eirado branco do pó da areia e da cal das estradas, arrastada ao vento, de Viana, mordido, aos poentes da barra, de luz forte e doce, translúcida, esmaltada: a alegre e compassiva *Senhora da Agonia*. Lá na Póvoa de Varzim, coalho de barcos, emaranho de redes, hoje quasi abandonada ao catitismo pelintra, anda o fenício de S. José para as *Dores* e das *Dores* para a *Senhora da Lapa*, mendigo de porta em porta, choramingoso, ralado: e as mulheres babam os padre-nossos em humilde súplica ou trincam-nos de amuo e ralho, a saia pela cabeça, concentradas na sua dor e gritando alto a sua dor — "Doce S. José! Rica Senhora das Dores! O' benta Mãe de Cristo e dos Homens!" Misterioso, carinhoso, o mar traz a Matozinhos, a escultura de Nicodemus: o *Senhor de Bouças*. Tem Aveiro a

da, acharam um exército de lavradores armado. Ficariam ali estendidos, mortos, mas o Santo não havia de passar. E tam claro e firme o disseram, com boas mostras de effecção, que o Cabido e mais acompanhamento debandaram murchos.

Em 1597 chega o Arcebispo de Braga, D. Fr. Agostinho de Jesus, a S. Torcato. Que ia a ver o Santo. A população rugiu ser o velhaco intentio raptá-lo para a Sé de Braga. Novo motim, agora os de Guimarães acodem com chuços e armas e o Prelado lá por bem retirar-se a tempo.

*Senhora da Escadinha*, o túmulo da *Princesa Santa Joana* e a Costa Nova a *Senhora da Saúde*. Buarcos a *Senhora da Encarnação* e, no sítio da Nazaré, no alto da escarpa do milagre, talhada pela vaga, onde a fúria do mar e do vento endorsam montanhas ou planuram desertos e a côr das águas é crêspa e depois se irisa em lhamas de pluvial riquíssimo e se adoça e esfuma ao longe, tentando a esperança da emigração para o infinito, a *Senhora da Nazaré*, pequena e escura, «que se não deixa encarnar», estendendo a auréola da sua bênção redimidora, de salvamento, por muitas léguas à volta. E' Peniche, com azulejos, talhas, os quadros de Josefa de Óbidos e a *Senhora da Ajuda*; no Cabo Carvoeiro, a *Senhora dos Remédios*, quatrocentos anos escondida às fúrias do Islam pelos cristãos da Atouguia; Almada com suas igrejas sobranceiras ao Tejo e ao Atlântico; Sesimbra do *mestrado de S. Tiago*; Espichel e a *Senhora do Cabo*; Setúbal com a dúzia de conventos de freiras capuchas, dominicas e carmelitas calçadas e descalças, e frades dominicos, franciscanos, trinos e grilos, arrábidos, paulistas e jesuítas, *S. Julião*, a *Senhora da Graça*.....; as ermidas de Sines, a *Senhora das Salas*, a ponta de Sagres, o *Pro-montorium sacrum*.

Cá dentro, também, pelas estradas, o caminheiro, de légua a légua, encontra a sombra e frescura do altar para descanso e recolhimento. Multiplicam-se pelas encruzilhadas, sobem aos queteiros. E' o nicho das alminhas, o sinal de homem morto, o cruzeiro tôsko, a igreja românica, o templo suntuoso, obra de arte, maravilha dos olhos, e a pequenina capela, escura e devota, onde se reza em voz baixa, intimamente, mais chegado ao coração de Deus. Onde houver amontoado de casas, três velhos entrêvados, um pouco de azeite e um crucifixo. Muitas já perdidas no despovoado que a vida dos séculos, feita de morte, assolou, dispersou, emudeceu. Algumas convidam a entrar, clamam o milagre e a indulgência, como, em Pombal:

*Nesta Igreja está a Milagrosa Imagem*

de *Nossa Senhora do Cardal*, com a marca herética e larapienta da invasão francesa de 1811, memorando

os cardos, em que apareceu e serviram depois de esconderijo ao Castelo-Melhor, perseguido por D. Pedro, o tratante, sepultura do Ministro de D. José. E a tradição conta a praga de gafanhotos caíndo em nuvens a devastar os campos e que a milagrosa imagem escorraça; o homem que entrou no forno a endireitar os pães e saiu vivo e são. Outras soam a doçura, como *Santa Clara*, em Coimbra, jazida da *Rainha Santa Isabel*, a da esmola de flores, ou amotinam a fama de aldeia em aldeia, como o *Bom Jesus do Monte*. A orgulhosa Lisboa, carola e pedreirista, com alfazema e bombas, a missinha lambida e o café radicalero, tem a *Senhora da Penha de França* e o *Senhor dos Passos da Graça*; os do Pôrto, com taroucar de socos e fortes convicções, apegados hábitos e energia propulsora, a *Senhora do Pilar*. São as feiras, no terraço das igrejas, e as romarias célebres — o *Senhor das Pedras*, *S. Bento da Porta Aberta* — ir a pé e descalço, de muitas léguas, com o farnel de brôa e a grossa de bolinhos de bacalhau, deixando a oferenda de ovos e sal —, a *Senhora da Aparecida*, a *Senhora da Abadia*, a *Senhora de Antime*, com o andor de pedra, a *Senhora da Peneda*, nos Arcos, o *Espírito Santo*, em Braga, a *Senhora do Alívio*, as *Cruzes*, em Barcelos, a *Senhora do Pôrto de Ave*, a *Santa Marta*, na Falperra, e a *Santa Martela*, à volta, para a última canada, o *S. Gonçalo de Amarante*, com as fiarmónicas à zarapum do Jorge de Atei e do Gago de Mondim de Basto, e baile à noite, no salão nobre da Câmara Municipal, enquanto o arraial tressua e escorropicha; a *Santa Quitéria*, de Felgueiras, a *Senhora dos Remédios*, de Lamego, as mil e uma no dia 15 de Agosto — o dia-grande da Senhora; a *Piedade*, em Elvas: «Se fores a Elvas...».

Ou se apegam firmes a um santo, para todos os cuidados e quisílias, ou os vão correndo ao soante da especialidade de cada um, do que são «advogados»: *S. Pedro* — abre a porta, *Senhora das Candeias* — alumia os caminhos do céu, *Santas Relíquias* — contra o demo, *Senhora do Amparo* — tira o diabo do corpo, *Senhora das Neves* — afugenta o mafarrico, *Senhora Sant'Ana* — dá juízo, *S. Brás* — da garganta, *Santo Ovídio* — dos ouvidos, *Santa Luzia* — dos olhos, *San-*

*ta Clara* — gagos e asma, *Santa Apolónia* — dos dentes, *Santo Amaro* — dos ossos, *S. Bento* — dos cravos e coisas ruínas, *S. Bernardo* — dos desencaminhados, *S. Lourenço* — das «cambras», *Santo Estêvão* — livra das pedradas na cabeça, *S. Jerónimo* e *Santa «Bárbara»* — quando trovoa, *Santo Emídio* — contra os terremotos, *S. Romão* — contra os cães danados, *S. Roque* — pestilenças, *S. Sebastião* — fome, peste e guerra, *Santa Marta* — estanca o sangue pela bôca, *S. Marçal* — domina e apaga o fogo, *Santa Rita* — dos impossíveis, *Santa Mónica* — endireita o pensamento, *S. Tiago* — pinta o bago, *S. Martinho* — prova o vinho, *S. Cristóvão* — dos perigos «e automóveis», *Santo Hilário* — para o ferro em brasa, *S. Vicente* — das bexigas, *S. Luís Gonzaga* — é a pureza, *S. Gonçalo de Amarante* — dos casamentos, *Santa Marinha da Costa* (Guimarães) — intervém na concepção das casadas, *Santa Margarida* (do Castelo, Guimarães) — para que saia filho ou filha, como se deseja, a *Senhora da Guia* (em Guimarães) — para a hora do parto (há, na sua capelinha, uma cadeira de que as parturientes se servem e para o efeito mandam buscar)... ou então pelas profissões: *Santa Cecília* — dos músicos, *S. Mateus* — dos caçadores, *Santo Isidro* — dos toureiros, *S. Crispim* — dos sapateiros, *Santo Homem-Bom* — dos alfaiates, *Santo Elói* — dos ourives, *S. José* — dos carpinteiros, *S. Nicolau* (Guimarães) — patrono dos estudantes...

Em cada terra a devoção é típica, feita da chuva e do sol, do ar, da latitude, da paisagem, da salina ou do matagal, da penedia a fuste e brava, ou da chã extensa e monótona, da luz, mais crua ou penumbrosa, do feitio, dos costumes, da tradição. Há os santos de renome garantido, com certidões e fama autenticada, de que chegam em demanda os bandos, as famílias, os amortalhados, no cumprimento de suas promessas, e há obscuros santinhos, que a fé viva de certas almas busca em sêgrêdo, contando as doenças pelas curas, as inquietações pelas esperanças, os desaires pelas mercês. A lâmpada bruxoleia no altar deserto e pobre. Quem a acendeu, quem pagou o azeite ao santo, morto no esquecimento da turba leviana? E o sacristão cala-se. Sabe-se lá... Qualquer pessoinha temente... E' como a avêmaria ao fim da missa por intenção

particular. Vai-a rumorejando o povolêu e, para dentro, a atinar — o que será? o que não será? E oferecem as arrecadas ou grillhões de oiro; as noivas colocam *aos pés da Virgem* o ramo de laranjeira; as mãos, os pés, a garganta, um seio — o corpo em cera; repiques e missas; novenas, penitências, jejuns; dar a volta à igreja, de joelhos, com a terra comendo a carne, a pedra triturando os ossos, a areia ferindo como agulhas de fogo, sete vezes: em memória das setes dores da Virgem Santíssima e Mãe inconsolável...

A história dos povoados começa assim: um castelo e a igreja. A lança talha e dispersa o inimigo; o altar congrega e substancia o vilar nascente. Há o milagre da energia e o milagre da doçura, a investida e o êxtase, o golpe arrebatado e a prostração submissa. Então o frade, no silêncio do claustro, enramilheta e auricrava a lenda. A mão de Deus está ali, outra vez, fazendo a vida e a luz. A alvorada daquele formigueiro desponta num raio celeste. *S. Vicente*, no barco, é conduzido por dois corvos à enseada do Tejo. No brasão do Pôrto, fechado na legenda — *Civitas Virginis* —, aparece a *Senhora de Vandoma*. A antiqüíssima Brácara <sup>(1)</sup> tem a monarquia dos suevos e *S. Geraldo*: «o homem apostólico, que Deus suscitou para reatar os gloriosos tempos de S. Martinho Dumense e S. Frutuoso». A formosa *Princesa Cinda-sunda*, filha dos reis dos suevos, oferecida como noiva e preço da paz ao leão de oiro rompente — Ataces, rei dos alanos —, do brasão de Coimbra <sup>(2)</sup> é símbolo cristão no memorar da lenda. Viseu tem como protector *S. Teotónio*, de Tardinhade, na freguesia de Ganfei, junto à Praça de Valença do Minho, filho de portugueses e nascido em 1082, «governando a Cadeira Apostólica S. Gregório VII Papa, sendo Arcebispo Primaz de Braga D. Pedro, Cónego Regular, e Rei de Portugal e Castela D. Afonso VI» <sup>(3)</sup>. Santarém, a

<sup>(1)</sup> P.<sup>e</sup> Manuel d'Aguiar Barreiros — *A Cathedral de Santa Maria de Braga*.

<sup>(2)</sup> Eugénio de Castro — *Guia de Coimbra*.

<sup>(3)</sup> Trad. do Padre D. Joaquim da Encarnação — *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio*, etc.: Coimbra, Imp. da Universidade, 1855.



*Santa Iria*, a linda e mártir. As águas do Tejo abrem-se, «como outrora as do Jordão», mostrando o esplendente sepulcro de alabastro para onde, piedosa e comovidamente, os anjos trouxeram o seu corpo virgem, furtado aos apetites diabólicos do Monge Remígio e ao cio apaixonado de Britaldo: «*Hic Tagus Irenae tegit ossa sepulchro*» (1). Miraculosa é a fundação dos conventos, o sítio de capelinhas e ermidas. Quando, por D. João IV, andámos em luta com a Espanha, dado o alarme da campanha vizinha, estremecem os santarenos. Afluem à ermida da *Senhora da Piedade*, junto às portas de Leiria. Gritam, imploram. E, claramente, vêem o rosto da Senhora animar-se de vivíssimo brilho e reclinar-se sobre o corpo do Filho, que sustenta nos braços — como a transmitir-lhe aquela prece dos portugueses pela honra e libertação de Portugal. . . . . Santa Maria e a Cruz de Cristo. A religião vitoriosa apossa-se dos templos da religião vencida (2). Onde não há o baptismo da crença, escoar-se o sangue redimidor do martírio: ou nasceu das chagas e quinas, ou foi conquistada às quinas e chagas, sob os altos desígnios da intervenção miraculosa.

O burgo parte-se em arruados, pontilham as freguesias, a gente vai-se sectarizando pelas igrejas do seu cantinho. A vizinhança abanda, familiariza. Conhecem-se por dentro e por fora. A Matriz domina ainda, e os frades, êsses — lutam pelo engrandecimento de seus conventos. A imaginação escandece. Depois são as irmandades, as inclinações místicas, os cultos privilegiados, as bulas e indulgências, a grandiosidade litúrgica, os diversos altares do mesmo santuário, o sermão e o prégador, a riqueza a um lado e suas opas de sêda e cordão de oiro, ao outro a fidalguia com suas vengas, os pobres e o burel pardo, a corda dos franciscanos. E às vezes, na gazeta, espancam-se corajosamente! Com as lutas constitucionais intromete-se de esturro e má cara a política em cubiçadas eleições de mesas e

(1) *Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos — Historia da Santarem Edificada* (Lisboa Ocidental — M.DCC.XXXX), cap. XX).

(2) *Augusto Fuschini — A Architectura Religiosa da Edad Media*, cap. 3.º.

confrarias. Até que o ir ou não ir à missa se considera um distintivo de regime. . .

O medo ao apodo jacobineta de «mesquinhas ignóbeis e reaccionárias» não tem deixado estudar, sem hipocrisias convencionais, a psicologia da nossa evolução religiosa, o aspecto, antigo e inegável, diversamente subsistente de província a província e de lugar a lugar, de nossas velhas crenças e apegadas superstições, integrantes de nosso modo-de-ser. Fingida e tôlamente, no mesmo ar leviano, fundamento único de nossa birra discutidora, e para contrastar com o exagêro das crônicas fradescas, pintamos o romance modernista e libertário quando tocamos o dia de ontem ou queremos conhecer seus homens. A realidade histórica, que vinha sendo baldejada pela tineta mais ou menos carola — o que freqüentemente nos insurge! — continua invertida pelos nossos rancores heréticos. E a alma nacional, tam palavreada em adjectivos e assonâncias, vela-se de mito, fabuleia-se sem pudor, admitindo assim, com o impenitente desconhecimento, as tiradas ôcas, o realejo do ultramontanismo carpindo-se e o legislar à toa dos pequenos sovietes dos clubes alfacinhas. Uma onda galante de futilices? Mas há nelas tantas curiosidades como em já delidas cartas de amor. A síntese não se formula, assentadamente, sem a conjugação de pequenos nada.

A história da gente vimaranense, lusa, minhota, de suave misticismo — os olhos escuros e brilhantes da mulher — e amornecida credulidade não podia dessemelhar-se. *Santa Maria de Guimarães*, fundação da vila, alteia-se como a nossa primeira fé. Pelo *milagre de Carquere*, aparecendo em sonhos a Egas Moniz, destolheita D. Afonso Henriques, «nascido com as pernas atadas, por trás, uma na outra», pondo-o sadio e valente, um homem:

«Tanjam sistros e rabil,  
Haja tanger e folia. . .»

e insinua-se como limiar e fundamental protectora dos reis e dos portugueses. E' a véspera, a prece das batalhas. Ao santuário, pequeno e tóso, afluem guerreiros e mestrais. A lâmpada brilha como estrêla do norte, boa e segura indicadora, e no murmúrio das orações já sobe o cântico da vitória. Nos braços, que se estendem pedintes, são invencíveis as lanças, e na doçura quebrada dos corações enrijam os músculos, viriliza-se a audácia. A hora do recolhimento delira, aquece, fortifica o valor na peleja. Submissos, os reis conferem privilégios; os descalços voam e semeiam a celebridade e a fama. E então os romeiros descem de suas pousadas e lugares. Entram e ajoelham. A *Senhora da Oliveira*, já aureolada pela imaginativa lendária, é uma fonte de milagres. Dá fala aos mudos, vista aos cegos, cura mãos e pés encolhidos, os aleijões disformes, as enfermidades cruéis, desenganadas, tira o demonho do corpo <sup>(1)</sup>. A chusma cresce; são ondas negras coalhando ruelas, a Praça Maior. Sua bondade não se cansa. Ela tem a saúde para o corpo doente e o alívio para a alma do triste. E' Margarida, filha de Sancho, da Ribeira do Homem; Nicolau, filho de Pedro Peres da Riqueira; Senhorinha, de «Dairães dalem Donhom»; Maria Pascoal, de Travaços; Martim Peres, frade do mosteiro de Pombeiro; Domingas, de S. Gens, da parte de Lamego; Afonso de Refoios, da

(1) Um caso bastará para satisfação do curioso:

«Depos esto segunda feira vespóra de Santa Maria de Março, Santa Maria de Oliveira fez milagre em uma manceba, que ha nome. . . ., moradora na freguezia de Cediellos, julgado de Penaguião, e dizia que morava com Fernão Martins, clérigo da dita igreja, e filha que dizia que era de Martim Minguês, e de Maria Frutuosa e que havia a dita Maria pequena doença do demonho, e dizia esta sa madre, que passava por oito annos que avia esta doença do demonho, e tomava esse demonho ao pé da crux. E foi a ella Diogo, filho de Gil Domingues de Guimarães, e lançou-lhe uma estolla ao pescosso, e feze-lhe pergunta quem era, e porque a filhava, e que sahisse della da parte de Santa Maria da Oliveira: e el disse que o trazia no corpo, mas que lhe falava pola orelha; e preguntando quem era, e porque a filhava? Porque lha dera, disse, sa madre, e que havia nome Andes Domingues, filho do Redondo, e que lha dera sa madre, e a sete seus companheiros. E preguntando como não nome, disse que são Estevo Domingues de Passos, Estevão Peres, de Santa Marinha, e Giraldo de Paços, vogado de Santa Mari-

parte de Santo Tirso; Lourenço, filho de Domingos do Olival, do julgado de Vermoim. . . . Vem gente das terras da Maia, de Riba Douro, de Amarante, Paço de Sousa, S. Pedro de Freitas, S. Martinho de Lagares, Valongo, Pôrto, Vila Real, «ávant do Prado», Cabeceiras de Basto, «mosteiro do couto de Palmi», Lamego, S. João da Pesqueira, Arcos e Roças, Santa Maria da Portela, Monte Longo, Tomar e Marialva, Coimbra. . . . Estranhas, alucinadas procissões <sup>(1)</sup>. A gangrena e a lepra. A tristeza e a loucura. A dor e a febre. D. João I pretende um templo majestoso, alarga a igreja. E' pequena. A massa comprime-se. Há síncope e gritos. A vila regorgita. Ofícios e mercadores andam contentes. Passa-se a *feira de Agôsto*, mais tarde a *feira de S. Gualter*, para os dias solenes e grandes da *Romaria da Senhora da Oliveira* <sup>(2)</sup>. A riqueza pinga, alastra. Os casais aglomeram-se. Ser caseiro da Senhora é estar livre da guerra e das fintas. Os cônegos impam — os mais fidalgos do clero fidalgo. A renda, magnífica e abundante. Mostram-se as maravilhas do tesouro, espanta-se a ingenuidade com as âmbulas do leite de Nossa Senhora:

... «una arqueta in qua sunt due empole in quibus est Lac beate uirginis» . . . <sup>(3)</sup>

a cruz com os ossos de S. Pedro e S. Paulo, a cabeça

nha, velho, que ora é juiz de Carvalho, Rodeguanes, abbade de Cediellos, Diogo Gonçalves tabeliom de Meirão Frio, e o Cochom de S. Pedro. E disse fallando delles, que estes andavam vivos, salvo Estevo Rodrigo, que foi tabeliom de Bayão e disse que a leixaria para sempre, e seus companheiros, e por Martim Afonso clérigo de Cediellos, e que daria este signal para sempre, e fez-lhe deitar pela garganta um dinheiro novo. Testemunhas Diogo Gil, Lourenço Esteves homem del-rei, Domingos Fernão Vasques conego, e outros: e o chantre, clérigos com mais conegos do côro, vendo este milagre lhe foram fazer processom. E eu Afonso Peres tabelliom de Guimarães, escrevi este milagre.» — (Cópia do *Livro dos Milagres* pelo P.<sup>e</sup> Torquato).

(1) P.<sup>e</sup> Torquato Peixoto d'Azevedo — *Memorias Resuscitadas*, cap. 76.

(2) *Romagem dos Séculos*, I, pág. 207.

(3) Abade J. G. de Oliveira Guimarães — *Catalogo dos Pergaminhos*, pág. 27. Inventário de 1286. A menção repete-se em outros inventários.



santa, remédio certo contra as mordeduras dos cães danados, que sarara o próprio rei D. João I <sup>(1)</sup>.

O Castelo era deserto. No seu paço ducal, com altas chaminés, esplêndido de arquitectura e de luxo, os Braganças poisavam, estranhos e mal vistos. Sombria colada à independência do burgo. Pelos mares andavam nossos mercadores. E era a forja e o coiro. A *Oliveira* dominava triunfante. Os cónegos amerceavam a clemência dos reis mandando-lhe o manto da Senhora <sup>(2)</sup> como valioso amuleto. A D. João V, doente, remete-se também manto e vestido, para se embrulhar e sarar <sup>(3)</sup>. Os milagres continuam. A Senhora da Oliveira é também advogada dos pescadores:

(1) *P.<sup>e</sup> Torquato — Obra cit.*, cap. 62. Até *Pasteur* não se conheceu por aqui medicina mais eficaz. Não há muitos anos, traziam o mordido à Oliveira. «Tocavam o bocado de crânio (ainda hoje no Tesouro) e recebiam saúde.» O pão para o doente comer passava-se também pela cabeça santa.

(2) *Carta do Bispo Secretário de Estado:*

«O tempo foi tão rigoroso que não deu lugar a chegar este proprio mais depressa; S. Mag.<sup>de</sup> que Deus guarde recebeu o manto, e reliquias de N. S<sup>ra</sup> com toda a devoção, e brevemente mandará fazer resposta á de Vm.<sup>ces</sup> e por não deter aqui este homem o despacho ficando muito certo para tudo o que se offerecer do serviço de Vm.<sup>ces</sup> que Deus guarde muitos annos. Lisboa 17 de Janeiro 1684. O Bispo frei Manoel Pereira. S<sup>rs</sup>. Dignidades e Conegos da Collegiada de Guimarães. — Aos s<sup>rs</sup>. Dignidades conegos e Cabido da Collegiada de Guimarães. Do Bispo Secretario de Estado.» — (Do *Arquivo da Collegiada*).

(3) *Carta do confessor de D. João V:*

«J. M. J. S<sup>nr</sup>.<sup>s</sup> Chantre, dignidades, conegos cabido de Guimarães. O favor que V. S.<sup>a</sup> me fez em servir-se de mim no bem advertido cuidado que teve com a molestia de S. Mag.<sup>de</sup> me deixou na obrigação não só da resposta, que logo fiz; mas de remetter por este portador a V. S. quatrocentos mil reis, e um manto que o dito S<sup>nr</sup>, com particular agrado á attenção de V. S. offerece a N. S<sup>ra</sup> da Oliveira, com o qual manto vai tambem o antigo; e por mais commodidade da devoção não puz na presença de S. Mag.<sup>de</sup> a outra parte do vestido, que veio a qual não posso remetter a V. S. enquanto não descubro o lugar em que se guardára pois que não chegou a entrar n'este Mosteiro. Nunca faltarei as demonstrações da vontade com que desejo servir a V. S.

Deus Prospere a V. S. Lisboa Mosteiro de S. Vicente 21 de Novembro de 1744. Fr. Gaspar da Encarnação.

Aos S<sup>rs</sup>. Chantre e dignidades conegos cabido da I. Collegiada de Guimarães.» — (Do *Arquivo da Collegiada*).

«tôdas as quintas-feiras vai ao mar proteger os que andam sôbre as águas». Dom Diogo Lobo da Silveira manda levantar um auto pomposo <sup>(1)</sup>. Depois tudo esmorece e se apaga. Levam a feira. A gente vai mudando para novos apêgos, romaria de altar em altar. Vieram os frades, as cubicazinhas, os despeitos. Ainda toca a garrida, a marcar as festas e as galas. Ao domingo dizem missa no altar da torre, junto ao túmulo dos Cogominhos, que deita para o largo. O *dia da Senhora* enfileira os irmãos, de opa branca e ramo de oliveira, com a sobrecasaca, a camisa de goma, as botas de polimento. Vem prêgador de fora, um lente de Coimbra, o Alves Mendes, as turbulências e famas

(1) Indo o Dom Prior da Collegiada — Diogo Lobo da Silveira, Mestre na Sagrada Teologia pela Universidade de Coimbra, Sumilher da cortina de Sua Majestade, etc. —, rezar, como costumava, no dia 18 de Setembro de 1664, das 4 para as 5 horas da tarde, chegando a uma imagem da Senhora da Oliveira: «em um painel do comprimento de dois palmos pouco mais ou menos, feita de tintas e oleo, que está sobre a caixa das esmollas que se offerecem á Senhora a qual está junto ás grades da Capella maior entre a mesma capella e a do Santissimo Sacramento..... vira estar com grande humidade todo o Corpo da dita Senhora e sobre um dos peitos umas gotas de agua sobre o grosso e dos pulsos das mãos lhe sahiam outras e abaixo pela distancia do corpo lhe sahiam outras e sobre a cobertura da caixa estava em duas partes agua que mostrava cahir do corpo da Senhora.» Assistiam na igreja mais pessoinhas, testemunhas de vista. O Dom Prior mandou ao Cónego Vigário — Doutor Sebastião de Almeida Sequeira — levantar auto. Depuseram o Licenceado António da Costa Miranda, infância, Estêvão Machado de Miranda, fidalgo de linhagem, o reverendo António de Sousa de Mesquita, cónego prebendado, o Licenceado Pedro Guedes de Morais, cónego magistral, Joseph Correa, pintor, de atrás S. Paio, António da Silva, alfaiate, da rua de S. Dâmaso, Manuel de Sá, pagem do D. Prior, Domingos Martins, criado do D. Prior, Jorge Correa, moço da sacristia, Francisco Martins, carpinteiro, da rua de Couros, o reverendo António Pereira, vigário de S. Paio, Pedro Machado de Miranda, fidalgo de linhagem. «Vira — aponta um dos jurados aos Santos Evangelhos — no alto do hombro esquerdo uma gotazinha e parecendo-lhe elle testemunha que estava algum buraco no meio della tentou elle testemunha com um alfinete e não achou furo senão a dita gota de agua que depois foi correndo para mais perto do braço e do colo das mãos que tem levantadas estava marejando agua da qual correrá uma gota pequena pelas roupas abaixo ficando ainda o colo do braço humedecido e no manto sobre a perna esquerda se via outra gota que correrá de cima e na moldura do painel estavam tres ou quatro

do púlpito. Há candieiros com velas nas varandas, pela freguesia, na noite da véspera, que era o da festa no Padrão. Abrem as doceiras os taboletes do doce. O sol escalda no céu de chumbo. E a procissão sai, com o enxota-cães à frente, de maça. O andor — tô-da oirada a Senhora —, as cruzeiras, o D. Prior e os Cónegos. As mulheres ajoelham, há no murmúrio da prece como o tímido eco do murmúrio antigo, distante, diluído nos séculos, avêmaria, ladaíinha de almas penadas...

A Senhora da Oliveira  
de pequenina tem graça;  
tem bons mantos de virtude  
e a oliveira na praça.

A noite do esquecimento platinou o granito, deu cova à memória. Agora, talvez, só de noite, algum boémio, cuspinhando

O' Largo da Oliveira,  
botequim da aguardente;  
adeus jardim do Tournal,  
recreio de tanta gente.

regos que escorrera, e na coberta da arca junto á moldura estava um signal de agua que diziam alimpára Joseph Correa pintor, e pela parte do rosto da Imagem estava mais humido do que na mais pintura da parte de fora excepto o Anjo da mão direita que está sobre a cabeça da Senhora que também mostrava estar humedecido e tenteando elle testemunha as costas da taboa para ver se a humidade procedia das grades de ferro a que estava encostada a achou seca cheia de pó sem humidade alguma e a dita taboa está afastada da dita grade de ferro tres dedos pouco mais ou menos em a qual ocasião não havia chuva nem humidade que a dita pintura recebesse de que houvesse resultar tanta quantidade de agua a qual se não viu em outras pinturas que estavam na igreja e também reparou elle testemunha que o ramo da Oliveira que a Senhora tinha na mão estava muito humido e applicando elle testemunha uma vela junto a pintura nem por isso secaram as ditas gotas com a quentura e luz da vela nem se mostrou por outra parte couza que com o fogo podesse derreter.» — (Do *Arquivo da Colegiada*).

Com *S. Guálter* — em Guimarães invariavelmente se pronuncia *S. Gualtér* — apparecem os franciscanos. Sua humildade e ascetismo abrasam admiração. Morre, o povo santifica-o. A terra da cova, onde primeiro jazeu, sarava e o «licor estilado» era «suave medicina». Depois, já os ossos postos em sepultura de granito, com ponteira de ferro tocava-se-lhes, chegava-se aos dentes e não havia dor que teimasse em resistir. Advogado das maleitas. A água da fonte — a Fonte Santa — corria milagrosa para tolhidos, estropiados; chagas incuráveis, braços com apostema, tumores, inchações, lobinhos. Diante daquele sepulcro lograram saúde cegos e surdos, asmáticos, uma môça derreada e um menino de dois anos, que nascera com os pés ligados às costas, as mãos retorcidas, presas — e dentro criavam bichos. A outro, parálítico, trouxe a mãe, desde Braga, metido na canastra, fazer novena: «Glorioso S. Gualter, ou me dai a saúde a este filho, ou lhe dai logo a morte, pois sabeis que por minha pobreza o não posso sustentar.» E súpeto o menino saltou fora da canastra. Havia uma mulher a quem secara o peito — e cobrou leite para amamentar o filho. Osromeiros lavavam a cabeça com água da fonte. Assim apagavam as febres ardentes. Ainda hoje, em noite de S. João, as mulheres sobem à mesma Fonte. Metem-se na água, lavam os braços, as pernas, os seios. Risinhos de sátiros esfusiam por trás das moulas. A vila adora-o, os franciscanos erguem o convento. Elegem-no os do povo como patrono da vila. Tem festa, procissão, cavallhada. Na rua de S. Dâmaso havia largos toldos, quasi de lado a lado. Eram montras de sapateiro e os correeiros. Estavanadamente os corredores estoiravam os cavali-coques. A aldeia vinha à espreita, em ranchadas, alapava-se, comia, bebia, picada de sol.

A Ordem Terceira mostrava-se incansável. Já os cónegos apeteçiam o S. Gualter e os franciscanos mostravam uma santa — e fidalga — *D. Constança de Noronha*. Filha do conde de Gijon, senhor de Noronha (descendente do rei Henrique de Castela) e de D. Isabel (filha do nosso rei D. Fernando) foi casada com

D. Afonso, filho de D. João I, Duque de Bragança <sup>(1)</sup>. Buscavam-na pobres e enfermos e ela consolava a pobreza, dava alívio à enfermidade. Ia ao terreiro colher-se uma erva de virtude — a *erva da Duquesa Santa*. Está no mosteiro de S. Francisco. Levantou-se processo dos milagres. E apareceram. Uma mulher — que tinha o rosto leproso e os olhos sem pestanas. Um menino — quebrado de ambas as verilhas. Lopo Vaz, de Bragança, que se curou de doença grave, indo visitar o sepulcro. Com a *terra do sepulcro* estancou um fluxo de sangue Constança Coelho. Traziam-na em paninhos, atados ao pescoço, livramento de febres, maleitas e fastio. Havia no convento um globo de cristal, chamado a *pedra do fastio*, que ela deixara, e se levava aos doentes... Entretanto o miserável Pedro de Oliva, denegador dos privilégios da Senhora da Oliveira e que por tal morrera a morder a língua blasfemática, e sepulto na mesma igreja da Ordem, trinta e três anos depois, ao abrir-se a cova, é encontrado ainda inteiro — «que tinha nojo a terra de lhe comer o seu corpo... pôsto que já lhe havia roído o gorgomilo em detestação da soberba e soltura, com que falou contra os favores feitos a lugares santos» <sup>(2)</sup>.

Na portaria, fora das grades do cruzeiro, havia um S. Francisco de madeira, alto, vestido de pano, com o cordão. Em 1603 um violento incêndio pega em certa rua, alastra, galga, devora. O pânico é tremendo. Levam a imagem nos braços: o fogo recua, curva-se, apaga-se.

¿E o nosso *Santo António*, o «Sant'António de S. Francisco»? Sua imagem, a cada passo, muda as côres do rosto: em umas ocasiões as tem abrasadas e em outras cândidas e macilentas, ficando o semblante ora carregado, ora alegre. Quando a face é pálida e triste, a intercessão do Santo a Deus é sempre atendida: a hora dos milagres. Contá-los «seria numerar as estrelas do Céu, ou os átomos do sol». Salva da morte

(1) *Padre Doutor Frey Luis dos Anjos — Jardim de Portugal* (Ano 1626), pág. 265.

(2) *Fr. Manoel da Esperança — Historia Serafica dos Frades Menores da Provincia de Portugal*, cap. 46, Liv. 1.º.

cento e oitenta e duas pessoas. Meninos, nascidos mortos, ressuscita-os. João da Rocha, de Santa Leocádia, já estava amortalhado quando o filho se alembra de chamar por Santo António. Torna à vida. João de Paiva, da freguesia de Monte Cordova, andava cego, surdo, mudo e doido. Queria deitar-se ao rio, a afogar. Trouxeram-no algemado à igreja. Prenderam-no às grades da capela do Santo. O homem sacode-se, enfurecido. E' preciso desatá-lo, prendê-lo mais forte à coluna de pedra que sustenta o côro. Estrebucha por tal maneira que há receio desabe tudo aquilo. Atam-no, cá fora, a um carvalho antigo e grosso. A árvore tremia, o doido parte as cordas, esgana quem se aproxime. Então a mulher pede a candeia do Santo. Posa-a na cabeça do marido — e este logo entra a chorar. Um frade vem, passa-lhe azeite da lâmpada na língua, nos olhos, nos ouvidos e na garganta — e ele fala, vê, ouve e recupera o juízo. Com o nome do Santo, nem balas ou quartos atravessam o corpo. Tudo cura: energúmenos, possessos e obsessos, leprosos; estupores, gota coral, supressões, fistulas, hérnias, opilações, hidropisias, esquinência; inchaços, cancros, malignas, maleitas, pleurizes, fluxos de sangue, erisipelas, quebraduras; dores de cabeça, de coração, de cólica, de pedra; acidentes, hipocondria, tísica. «O Santo António de Guimarães rivaliza com o de Pádua». Socorre os naufragos. Livra os inocentes da cadeia e da forca. São 79 mancos, tolhidos e aleijadas; 15 cegos; surdos, mudos e tartamudos, 11 quebrados. Nas roturas. Advogado das colheitas, frutos e novidades. Dos animais. Das cousas perdidas. Encontra o perdido e o furtado — basta deitar o responso ou fazer promessa, e é infalível: ainda hoje. E' o capote furtado na estalagem a Francisco de Sousa do Valé. O que se procura e não acha. A menina ia levada na boca dum lobo. A mãe grita por Santo António. O lobo deixa a menina. O azeite da lâmpada faz nascer o leite às mães. Há uma mulher nova, muito branda, infinitamente doce e triste, e muito linda, que morre em suavidade e sonho, ali mesmo na igreja, a cabeça reclinada, como a dormir, no altar do Santo.

E os milagres dos ladrões. Em 1704 e em 1711. Um furta o lampadário de prata, mas não pode fugir

— o Santo impede-lhe o andar. Confessa o roubo, aquele prisão invisível, subtil, que o não deixa mover. E chora. O santinho, apenado com as lágrimas, e porque ele também se chamava António (é padrinho dos Antónios), revoga-lhe a sentença de morte, comutando-a em degredo perpétuo para a Índia. Mais constado anda o outro caso. Passou-se à terça-feira, em Abril. Pela madrugada, apareceu preso às grades — a rede protectora da vidraça —, na fresta que pretendia arrombar com martelo e bordão — para melhor se escoar à capela — um mendigo já avançado dos 70, dos lados de Coimbra e que tinha por nome Manuel Dias. Acode gente, os frades apanham-no, levam-no para a capela-mor, sobe ao púlpito, defronte do altar. Do braço direito do Santo promana então uma corrente de água, molhando as petições e fitas que as prendiam ao cordão, a toalha. O douto Juiz de Fora, que estava presente com os Officiais, manda levantar auto da maravilha — que esse orvalho é milagroso, dura até depois do meio-dia. No pulso da Imagem ficam, então, só duas lágrimas. No dia seguinte há festa na vila. Acendem-se luminárias. Na quinta, solenidade religiosa, com sermão. E durante mais três dias cavalaria e touros. O ladrão, alquebrado e doente, é entregue à *Misericórdia* e quando morre, daí a breve tempo, enterram-no defronte da porta principal, no adro da Igreja.

Por seu turno os *Dominicos* (os Irmãos Prêgadores) com os alicerces do convento granjeavam a simpatia e a devoção populares. Tinham, na igreja, duas confrarias — a de S. Pero Gonçalves, administrada pelos oficiais da Câmara, e a do grande S. Gonçalo de Amarante, muito querido dos vimaranenses por haver nascido em Tagilde, no lugar de Arriconha, «pobre aldeia lavaia pelo pequeno e mal conhecido rio Vizela», e ter sido Abade de S. Paio de Vizela, depois de ordenado pelo Arcebispo D. Godinho, pelo que, nesta última freguesia, a 9 e 10 de Janeiro lhe faziam romaria de larga concorrência. E os frades avultavam a memória santa de Frei Lourenço, da nobre geração dos Chacins. Poderoso e rico, deixou-se seduzir pelas prêgações daquele Frei Pero Gonçalves, que «era bom mestre de engana-

dos e lhe descobrira as alquimias do mundo». Tomou o hábito dominico e andava por casais e choupanas ensinando rústicos e humildes. Só com a voz expulsava o demónio dos corpos, e obedeciam ao tacto de suas mãos as enfermidades, a cegueira e a morte. Arranjou esmolas e favoreceu com sua assistência a edificação da ponte de Cavez sobre o Tâmega. Um dia, passeando na Veiga de Chaves, a estudar o sermão que devia prègar, e tendo-se afastado do companheiro, appareceu-lhe um anjo e entregou-lhe a mais preciosa caixinha de relíquias. Assim Deus a quis escapar às mãos dos infieis que, «nêsse momento», se estavam apoderando da cidade possuidora de tam inapreciável tesouro. S. Frei Lourenço recolhe a Guimarães, abre a caixa e tamanho é seu contentamento que logo espalha a fama por toda a vila. Não podia haver maravilha igual: desde as mantilhas de Cristo quando era menino até aos ossinhos de algumas das onze mil virgens <sup>(1)</sup>.

(1) «A caixa é da feição, e feição de uma arca ordinária, com sua fechadurinha de latão na face: tem de comprimento um palmo grande, e três dedos: e meio palmo de altura. Levantado o tampo mostra-se por dentro marchetada em partes, e em partes pintada, e está repartida em escaninhos, e gavetas, e tôdas miúdas conforme a estreiteza do lugar, e postas de maneira, que umas têm seus tampozinhos, outras correm como em escritório. Por elas estavam repartidas as santas relíquias, envoltas cada uma em seu sendal: e os sendais de várias côres. Eram muitas em número, e tôdas sinaladas com seus rótulos (sic) algumas poucas que os não tinham, de letra, e lingua Latina, cousa que me faz não pouco espanto, quando suspeitamos que vieram de Ásia, ou África. E porque não nos fique nada por dizer, nem aos devotos, e curiosos que desejar, nomearemos tôdas as que tinham letra que são estas.

Do santo lenho da cruz de Cristo Nosso Senhor. Das mantilhas de Cristo quando era menino. Da pedra donde subiu aos Céus. Do véu de Nossa Senhora. Dos Santos Apóstolos S. Pedro, S. João, Santo André, S. Filipe, S. Tiago, S. Bartolomeu, S. Matias. Do Maná da sepultura de S. João Evangelista. Da vara de Moisés. Dos Santos Inocentes. De Santo Estêvão primeiro Mártir. S. Sebastião. S. Lourenço. S. Brás. S. Jorge. S. Veríssimo. S. Hipólito. S. Paulo Mártir. S. Crescenciano. Santo Eugêro. Do hábito de S. Pedro Mártir quando o mataram. De S. Silvestre Papa. S. Martinho. Santo Agostinho. Santo Ambrósio. S. Francisco. S. Domingos. S. Jerónimo. S. Bento. S. Bernardo. S. Roberto. Do Abade Moisés. Ossos de Santa Maria Madalena. De Santa Ursula. De algumas das Onze Mil Virgens. De Santa Luzia. Santa Inês. Santa Cecília. Santa Justina. Santa Comba. Santas

Em S. Domingos ficava assim guardada verdadeira fonte de assombros e milagres.

Como a de S. Francisco, a igreja de S. Domingos albergava certas devoções particulares, *corrente de opinião pública* a argamassar-lhe o crédito — as de *S. Pedro o Mártir* e de *Santa Catarina de Sena* — esta muito procurada em inchações e cancos, por aleijados e quebrados. Dizia-se a história da menina que, vivendo já desenganosa, se apegou com a Santa e lançou uma cobra de quatro palmos, delgada, tendo, ao correr do lombo, sinais de conchas. O grande afan era o culto da *Senhora do Rosário*, tradicional nos Dominicos. Em acesa rivalidade, enquanto os Menores espalhavam pelas aldeias a adoração de *Santo António*, os Pregadores iam multiplicando os altares, confrarias e irmandades, cheias de indulgências e jubileus, à *Senhora do Rosário* <sup>(1)</sup>. No primeiro domingo de Maio, os lavradores, assim como levavam a S. Francisco a novidade

Justa e Rufina. Santa Brígida Virgem. Santa Clara. Uma âmbula do óleo que mana do sepulcro de Santa Catarina Mártir. Outra do que mana da sepultura de S. Nicolau.

Trouxe o Santo Frei Lourenço a sua caixa para o Convento, como lhe foi mandado; colocou-a na sacristia em lugar decente. E porque as grandezas de Deus é bem que se publiquem: manifestou esta pela terra, dando mostra das santas relíquias.»..... — (Da *História de S. Domingos* — por *Fr. Luiz Cacegas*, reformada e ampliada por *Fr. Luiz de Sousa* (1623. Impressa em 1767), cap. XVII. Vide também cap. XV e XVI).

(1) Em 1842 a nossa Administração distribuiu pelos párocos do concelho de Guimarães um inquérito com 16 quesitos vários e interessantes. Foram coligidos pelo *Dr. Pereira Caldas* que os ofereceu à *Sociedade Martins Sarmento*. Alguns não responderam, outros não souberam ou não quiseram e suas respostas em nada aproveitam. Extractamos estas ninharias que podem ter interesse para alguns.

Em *Abação* (S. Cristóvão) — a Irmandade da Senhora do Rosário, que, até 1834, dava contas ao Prior de S. Domingos, de Guimarães. As pratas da igreja paroquial foram levadas por Junot no tempo da invasão dos franceses. Nos altares: S. Sebastião, Santo António, o Senhor da Cana Verde... Em S. *Tomé*, debaixo da torre, uma imagem de pedra — a da Senhora das Necessidades —, voltada para o poente. A mesma devoção nos altares, mais o oratório da Senhora do Sal. Confraria do Subsino, confirmada pelo Arcebispo D. Gaspar (1787). Em *Santa Cristina de Agrela* (hoje

de frutos e colheitas, encaminhavam os bois ao terraço de S. Domingos: e os fradinhos benziam o gado. Depois da catástrofe de Lisboa, todos os anos, a Um de Novembro, saíam em procissão com a *Senhora dos Terremotos* e rezavam o terço pelas ruas, atrás do andor.

Agora, os *Capuchos*. A sina era a mesma: atear a fé e seduzir o entendimento da multidão com os agradados patentes do Céu. O brio inflamava-se quando havia alguém, nado por aqui, com fama de santo. Os da Piedade contavam de *Frei Gonçalo de Guimarães*, eleito Provincial no convento de Santo António, de Évora, em 1617. Recebera o hábito em Azurara, professou no de S. Frutuoso, em Viseu, e recolhera, depois do provincialado, ao do Bom Jesus do Monte de Franqueira. Ao cabo de 67 anos de vida religiosa,

do concelho de Fafe) havia o Juiz do Subsino, que prestava obediência ao Juiz do Foro de Guimarães. Altares: Santa Cristina, Senhora das Dores, S. Sebastião. *Santa Maria de Airão* — duas pequenas romarias — dia de Santa Luzia e dia de S. Silvestre. Natividade de Nossa Senhora. *Arões* (Santa Cristina) — nos altares, esta Santa, a Senhora da Graça, Senhora do Rosário, Calvário, S. Sebastião... Mementos por almas, clamores nas aflições. Confraria do Santíssimo e Santo António. Confraria da Senhora do Rosário, estabelecida pela Ordem dos Pregadores em 1684 e erecta em 1733, com graças, jubileus e indulgências de Leão X, Inocência XI, etc. *Arões* (S. Romão) — Padroado Real. Jubileus nas quatro festas do ano (Natal, Páscoa, Espírito Santo e Assunção). Irmandade das Almas e da Senhora do Rosário. Altares: S. Romão, Senhora da Conceição, Santo António, Senhora do Destêrro, Calvário, Almas, S. Sebastião. Na freguesia de *Arosa* (Santa Marinha) fazia-se a romaria de Santo Amaro, que tinha sua capela, a 15 de Janeiro e a de N. Senhora da Boa Morte, na primeira oitava do Domingo do Espírito Santo. Clamores: à capela de S. Tiago em Santa Maria do Souto de Sobradelo, à Senhora da Goma, da mesma freguesia, a S. Bartolomeu da Esperança, à capela da Senhora do Monte, em Garfe. No altar-mor o Menino Deus, Santa Marinha e S. Roque. Altares: Senhora das Dores, do Rosário e da Boa Morte. Confraria da Senhora da Boa Morte (1816) e na capela de Santo Amaro a Irmandade das Almas. *Atões* — apresentação do Mosteiro da Costa. Irmandade do Rosário, com missa e ladainha cantada e procissão aos primeiros domingos do mês e festa anual com procissão ao Convento da Costa. Altares e imagens do Sacramento, Santa Maria de Atões, S. Francisco, Rosário, Senhora do Carmo, Chagas, Senhora das Dores,

ardente e humilde, morreu: «seu rosto, que enquanto vivo estava cheio de rugas, e disforme com a penitência, depois de morto ficou formosíssimo». Com os cabelos, arrancados ao cercílio da cabeça, estando o cadáver exposto, sarou de repente João Faria Machado, da quinta da Bagocira, em Barcelos, a um seu filho, que sofria do garrotilho, aplicando-lhos à garganta. O menino foi logo folgar com os da sua idade. — De *Fr. Manuel de Guimarães*, Irmão Leigo, filho de Fernão Rebelo de Macedo e Maria de Novais Sodré — professara em 1611, e estivera nos conventos de Santo António dos Olivais, em Coimbra, e S. Frutuoso, em Braga. *Fr. Pedro de Guimarães*. . . . . Quando, em 1653, andavam com obras no Convento de Santo António de Aveiro, descobriram, além de quatro corpos inteiros (mas ignorava-se a quem pertencessem) uma cabeça com os cabelos pegados. Esta era de *Fr. António de Guimarães*, natural desta vila, que tomara hábito

Santo António, S. Sebastião, S. Gonçalo, S. Frutuoso e Menino. *Azurei* com as romarias da Conceição e da Madre de Deus. Clamores: a S. Torcato, à Capela da Senhora do Monte, em dia da Ascensão de Cristo, outro no dia de S. Bento e chamado *da roda* por ser em volta da freguesia às capelas da Conceição, Santa Luzia e Madre de Deus. Apresentante: o Cabido da Colegiada. Altares, imagens: S. Pedro, S. Sebastião, Menino; S. Roque, Almas; Senhora do Rosário; Senhora das Candeias; pinturas várias. Irmandades: S. Roque e Rosário. *Balasar* — apresentação dos religiosos dos Remédios, de Braga. Irmandade do Santíssimo e da Senhora das Neves, esta com sua capela. *S. Cláudio* — apresentação da Patriarcal de Lisboa. Irmandade da Senhora dos Remédios — com jubileu na véspera da festa, concedido por Bento XIV em 1753. S. Cláudio, S. Sebastião, S. José, S. Bento, Santo António, Senhora das Necessidades e dos Remédios. *Santo Estêvão de Briteiros* («antigamente da *Silva Escura*») — apresentação do Chanfre da Sé Primaz. *Brito* (da invocação de S. João Baptista): Irmandades do Sacramento e do Rosário. Missa e ladainha no primeiro domingo do mês e rezada em cada sábado. Festa no dia da Ascensão da Senhora. Imagens e altares: S. João Baptista, Santo André, Senhora do Rosário, Dores, Santo António e S. Sebastião. *Caldas de Vizela* (S. João) — apresentação do Dom Prior. Confraria do Sacramento com indulgência plenária no dia da entrada dos confrades e à hora da morte de cada um. Mais: Subsino, Rosário, S. Sebastião e Menino. Altares, imagens e painéis: Senhora do Rosário (pintor Caldas), S. Sebastião, S. Bento, Senhor dos Aflitos, Almas do Purgatório. *Caldas* (S. Miguel) — (antigamente *S. Miguel dos Olhos*: «em razão dos sete porque então brotavão suas agoas medicinaes») — 14 cla-

em Santo António dos Olivais (1596), professando no ano seguinte. Compôs o Ceremonial da Ordem. Foi eleito Custódio e Provincial <sup>(1)</sup>.

Recolhidos em Santa Margarida do Castelo, começaram diligenciando a construção do mosteiro. Era o sítio árido e sêco. Um irmão lançou ao fundo do poço a imagem de Santo António: logo de manhã o poço, que era ingrato, apareceu cheio de água, com a imagem do santo a boiar. A fama corre de santos e milagres. E' *Fr. Luís das Chagas*, nascido no Porto e falecido em 1797. Tinha o corpo rasgado de feridas cruéis e enganava os tormentos, de génio sempre dócil e afável, tocando rabeca. Nunca soltou o

(1) *Fr. Francisco de Sant-Iago — Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade* (Lisboa — M.DCC.LXII), livro I, cap. XI; liv. IV, cap. X; VI, cap. XXXIV; V, cap. XII; VII, cap. IV.

mores, comutados à volta da igreja; um vai a Tagilde na tarde do primeiro domingo de julho e volta no mesmo dia. Romaria na Ermida de S. Bento em 21 de Março, 11 de Julho e Domingo de Páscoa. Altares e imagens: Santíssimo, S. Miguel, S. Sebastião; Senhor da Boa Morte; Senhora das Candeias; Senhora do Rosário; Senhora da Vidraça. Tecto com pinturas (1721) e painel da Circuncisão, do pintor Caldas, que foi do lugar do Mato, da mesma freguesia. *Caldelas* (S. Tomé): Irmandade de Santo António, com sua capela (hoje derrubada). Apresentação do Cabido. *Candoso* (S. Martinho): apresentação da Colegiada de Valença. Confraria do Santíssimo. «*As pratas levou-as o Zinó*». Santíssimo, Rosário, Crucificado. *Candoso* (S. Tiago) — apresentação da Colegiada. Irmandades do Rosário e Almas, tendo esta de mandar dizer sete missas por cada irmão que morre, aniversário, acompanhamento, procissão ao redor da igreja pela alma dos irmãos falecidos. Imagens do Menino, S. Tiago, Senhora do Rosário, S. Sebastião, Santo António, Bom Jesus da Agonia, S. Miguel e S. Bento. *Castelões* (S. João Baptista) — até 1834 tinha Juiz de Subsino. Da Comenda de Cristo. Confraria do Santíssimo com obrigação de dar, no dia da festa, aos Mordomos, de beber e uma fatia de pão. Clamores, principalmente a 24 de Junho. Confraria do Rosário — «comiam-lhe o rendimento». Altares e imagens: S. João Baptista, Santa Iria, S. Caetano, Senhora das Dores, S. Sebastião e S. Francisco, Senhora do Rosário, painéis de S. Miguel Arcanjo e das Almas. *Conde* (S. Martinho) — («assim chamada porque quem antigamente comia os Dizimos era um Conde do tempo de D. João Primeiro») — apresentação do Cabido. Capela de Santa Luzia, com duas romarias no dia 13 de Dezembro e no dia de Natal. Altares-mor, Senhora do Rosário,



mais brando queixume. «A mulher do médico da Misericórdia, João Rodrigues da Cunha Gaivoto, que era cega, valeu-se das suas preces para que, logo que chegasse à presença de Deus, supplicasse antes de mais nada para ela a graça da vista, que conseguiu, conforme a tradição ainda existente, na noite do falecimento de Fr. Luís e, participando ao marido este facto, afirmou-lhe que tinha falecido o frade, o que efectivamente êle reconheceu, dirigindo-se ao convento, onde ainda todos os companheiros ignoravam o óbito» (1). O povo rodeava a sepultura implorando, gemendo, sorrindo.

(1) *Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde) — Guimarães e Santo Antonio*, final da I parte.

S. Sebastião. *Corvite* — apresentação do Colégio da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa. *Costa* (Santa Marinha) — convento célebre, primeiro dos Cônegos de Santo Agostinho, depois dos Jerónimos. Romarias de S. Tiago e S. Roque. Templo magnifico e curiosissimo. Boas imagens, um belo S. Jerónimo, retábulos e taiha. *Creixomil* (S. Miguel) — apresentação do Chantre de Guimarães. Romarias da Senhora do Luz (2 de Fevereiro) e Senhora da Ajuda, aquela na sua capela, esta na de S. Lázaro. Confrarias do Sacramento, Rosário, Menino, Santo António e Almas — esta com jubileu a 3 de Novembro, com officio de 15 clérigos, missa, sermão e procissão. Altares e imagens correspondentes. *Fareja* (S. Martinho) hoje do concelho de Fafe — a Casa da Cruz, da Congregação da Missão, com a igreja de 1746 e escola primária. Irmandade do Rosário. Altares: mor, com S. Martinho e Menino; Senhora do Rosário e S. Sebastião — com Senhor do Bonfim, Senhora das Dores, Santo António e S. Silvestre. *Figueiredo* (S. Paio) — com terras foreiras a Santa Maria da Oliveira, ao Reguengo — no celeiro dos Paços em Guimarães — e às religiosas Dominicãs, de Guimarães. Romarias: Senhora da Purificação (2-Fevereiro) e S. Brás. Apresentação dos Crúzios. Ermida de S. Roque com a Irmandade das Almas. *Freixas* (S. Pedro) hoje concelho de Fafe — apresentação dos Remédios, de Braga. *Gandarêa* (Salvador) — romaria ao Senhor do Padrão, em sua capela, na primeira oitava do Natal. Altares: mor, Senhora do Rosário e S. Sebastião. Irmandade do Rosário com festa e procissão. *Gêmeos* (Santa Maria) — no altar-mor a Senhora da Espectação, a Padroeira, e S. José; Senhora do Rosário, com o Menino e S. Francisco; Senhora das Dores com S. Sebastião e Santo António. *Gonça* (S. Miguel) — romaria de S. Mateus, no domingo immediato ao domingo

Mais antigo e de alta celebridade havia o *Convento de Santa Marinha da Costa*, fundado, segundo a tradição constante, pela Rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, da carinhosa devoção da Rainha D. Dulce, e onde, ao princípio e até ao ano de 1528, viveram Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, despedidos, com alegação de maus costumes e desregramentos, pelo Duque de Bragança D. Jaime, munido duma bula de Clemente VII (2-Março-1525), sendo então entregue à Ordem de S. Jerónimo. Apresentava o mosteiro curas em cinco igrejas — na de Santa Marinha (uma das nove irmãs, filhas de Caio Atílio e de Cálcia), na de Santa Maria de Atães, Santa Eulália em Barrosas, Santa Maria em Pedroso, concelho de Felgueiras, e Santa Eulália em Monte Longo, concelho

do Santo, que é 21 de Setembro. «Igreja roubada pelo Exército Francês, na retirada da última invasão, ao passar na estrada, onde descansou num grande plano de terreno». Altares: mor, da Senhora do Rosário, S. Mateus e S. Caetano. Apresentação do Arcebispo de Braga. Confraria de S. Caetano, com indulgências de Clemente XII (1734) e Clemente XIV (1772); «porem os Mesarios Thisoureiros teem o poder de as fazer ficar agazalhadas no Thizouro da Igreja!!!». *Gondar* (S. João Baptista) — do Padroado Real, mas, constava, antigamente — Asilo ou Casa de Freiras Bentas. Pobreza. Irmandade do Rosário. *Gondomar* (S. Martinho) — Irmandade do Santissimo. Jubileu em dia de Todos-os-Santos, 3.º domingo da Quaresma a 3.º domingo de Junho. *Guardizela* (Santa Maria) — romarias de S. Bento, em dia de Páscoa, à tarde, e de Santa Luzia, na sua capela. Ronda de S. Sebastião com o andor do santo em volta da freguesia. Invocação — Senhora do O' —. Apresentação — alternativa da Mitra de Braga e Frades Crúzios do Convento de Landim. Irmandade das Almas, com obrigação, entre outras, de ter uma corda presa ao sino para tocar à missa, de dentro da igreja, em dias de semana, e Irmandade do Rosário, com missa semanária aos sábados por vivos e defuntos, ambas com altares, e de S. Miguel o Anjo das Almas. Painéis: Senhora das Dores, Rosário — «com o retrato de um devoto» a quem fêz milagre, Senhora da Lapa e Abade «que instituiu os legados». *Infiás* (Santa Maria) — procissão, em dia de S. José, do Senhor das Chagas à Senhora do Monte, onde se demora duas horas. Padroado — das religiosas dos Remédios, de Braga. Irmandade do Senhor das Chagas, com dois jubileus: em dia de Santa Cruz (3 de Maio) e na primeira segunda-feira depois do dia de Todos-os-Santos, e festa no domingo depois de

de Fafe. A riqueza própria acrescentava o usufruto de muitos privilégios e imunidades. Nêle se criaram, estudaram e assistiram os infantes D. António e D. Duarte e teve colégio, instituído por D. João III, em que se estudava latim, filosofia e teologia. Em dois altares, estavam as relíquias dos santos e das santas, ossinhos de *S. Marcelino*, *S. Vítor*, *S. Vicente Ferreira*, *S. Martinho Bispo*, *S. Brás...* *Santa Eufêmia*, *Santa Iria*, *Santa Catarina*, *Santa Ana*, *Santa Dorotea...* *leite de N. Senhora*. Embora mais florescente em letras do que em virtudes, alguns casos se apontavam à devoção popular. *Fr. Cipriano, de Guimarães*, pontual nos deveres, estudioso da Sagrada Escritura, observante dos preceitos divinos. Faltando um dia à hora do côro, indo procurá-lo, o foram encontrar de joelhos, na cela, a cabeça encostada ao braço esquerdo, os óculos postos na forna que costumava rezar o ofício, e a apontar com o dedo o primeiro verso do psalmo de sexta:

Santa Cruz e Irmandade do Sacramento com jubileu no 4.º domingo de Agosto. *Leitões* (S. Martinho) — apresentação dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, de S. Vicente de Fora. Indulgências, concedidas por Benedito XIV, dias: quarto domingo de Maio, Santa Ana, S. José, S. Martinho e Apóstolo S. Mateus. Confraria do Santíssimo. Altares: Santíssimo, S. Martinho, Rosário. *Lobeira* (S. Cosme) — apresentação do Cabido. Altares: mor com S. Cosme e S. Damião, laterais com S. Roque, S. Sebastião, Senhora e Menino. *Lordelo* (S. Tiago) — com a Procissão do Cêrco, ou de S. Sebastião. Era antigamente anexa ao Arcediago de Santa Cristina de Longos. Apresentação do Colégio Patriarcal. Confrarias do Sacramento e do Rosário, esta com procissão. Padroeiro, Santo António, S. Sebastião, Crucificado, Santa Rita de Cassia. *Mascelos* (S. Vicente) — apresentação do D. Prior. Capela de Santo Amaro — com feira e romaria. *Mesão-frio* (S. Romão) — onde há o lugar da Cruz da Argola, que traz sua etimologia de haver aí uma Cruz «e ao pé della hirem antigamente os Cavalleiros de Guim.<sup>es</sup> tocar os cavallos a Irgollinha em hum terreiro». Padroado da Coroa. Confraria do Rosário. Imagens: S. Romão, Santa Maria Madalena, Senhora das Dores, Rosário, S. José, Chagas, S. Sebastião, Senhora da Soledade, Santo António e S. Roque, S. Gonçalo. *Morcia de Cônegos* (S. Paio) — apresentação do Chantre da Colegiada. Irmandades: Sacramento, Rosário e Santo António, com altares. Imagens, mais, a de S. Sebastião e S. Bartolomeu. *Nespereira* (Santa Eulália) — onde ficam os solares de Sezin, Paço e Rochela. Irmandades: Santíssimo, com festa no 3.º domingo de Junho, e Senhora do Rosário, com festa no 1.º domingo de Junho, ambas com jubileus. Altares: mor, com Santa Eulália e S. Bento; Rosário, com S. Sebas-

*Defecit in salutare tuum anima mea*. Estava morto. Os outros monges, admirados, ajoelharam, beijaram-lhe as mãos <sup>(1)</sup>. E fizeram-lhe entêrro piedoso.

(1) *Memoria das noticias pertencentes a este Mosteiro de Santa Marinha da Costa tiradas do seu cartorio pello R.<sup>mo</sup> P. M. D.<sup>or</sup> Fr. Christorão da Cruz, Monje de S. Jeronimo, Lente de Prima, e Vice Reitor da Universidade de Coimbra — na Revista de Guimarães, vol. XXVII, n.ºs 1 a 4; Fundação do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, proximo a Guimarães. Extrahida da Chronica manuscrita do Padre Mestre Dr. Fr. Manoel Baptista de Castro, por Fr. Adriano Casimiro de Santa Paula Pereira d'Oliveira, Monge de S. Jeronimo, professo no Mosteiro de S. Marcos. Belem, 27 de Outubro de 1832 — na Revista de Guimarães, vol. XXIX, pág. 175 e seguintes. Veja-se ainda Revista de Guimarães, vol. III, pág. 107 e seguintes; vol. XXVIII, pág. 65 e seguintes.*

tião; Senhor das Chagas, com Santo António e Senhora da Luz. *Oleiros* (S. Vicente) — apresentação da Mitra Bracarense; altar-mor e mais três, Senhora do Rosário, Senhora da Graça, Dores, Nascimento. *Paraíso* (S. Miguel) — apresentação da Colegiada. Irmandade do Rosário, com festa e sufrágios. *Passos* (S. Vicente) — Irmandade do Rosário, com jubileu do sábado próximo ao 1.º domingo de Junho, e sufrágios. Altares-mor, Rosário, S. Sebastião e Santo António. *Pencêlo* (S. João Baptista) — Padroado da Coroa. Cinco clamores ou votos — à Senhora da Goma, em Março, a S. Tiago, à Senhora do Monte, a S. Paio de Guimarães e na Assunção da Senhora. Irmandade das Almas, com altar privilegiado. Novena e festa do Menino, novena e festa de S. Sebastião, festa do Rosário. Altares correspondentes, mais as imagens do Senhor na Agonia e Senhora das Dores. Igreja roubada em 1826. *Pentieiros* (Santa Eulália) — apresentação do Cabido de Braga. Clamores — quatro. Altares-mor, S. Sebastião e Rosário. *Pinheiro* (Salvador) — altares-mor, com o Salvador e S. Vicente de Paula; Senhora das Dores, com S. Sebastião e o Menino; Senhora do Rosário, com Santo António e Santa Apolónia. *Polvoreira* (S. Pedro) — no altar-mor um Cristo com S. Pedro e S. Paulo, Rosário — com irmandade e jubileu no 1.º de Janeiro; Santo António, com S. Sebastião e o Menino e em um nicho S. Francisco. *Ponte* (S. João) — onde houve convento de frades. Duas capelas: em Campelos e no Estremadouro. Apresentação do Cabido. Duas irmandades. *Prazins* (Santa Eufêmia) — Padroado da Coroa. Imagens: Santa Eufêmia, S. Luís, Dores, Rosário, S. Sebastião, Santo Antão, Santo António, S. José e Menino. *Prazins* (Santo Tirso) — Irmandade do Rosário. Altares: mor, Rosário e Dores, com várias imagens. *Rendufe* (S. Romão)



Prosperavam então em Guimarães «as muito magníficas religiosas senhoras» do *Convento de Santa Clara* («mosteiro de S.<sup>ta</sup> Maria da invocação *In Ara Cæli* da *Ordem de S.<sup>ta</sup> Clara*»), fundado por 1548, e cujo edifício, hoje servindo ao Liceu, foi a restauração esmolada e patrocinada pelo Arcebispo de Braga D. José de Bragança. Chegaram até nossos dias as memórias de conversas e chás «nas grades» e de afamadíssimo doce, sendo o «toucinho do céu», ainda, nossa lambarice tradicional — «nome que só de per si faz vir água à boca». Padroeiros eram os senhores de Torrados e a prelazia do D. Prior e depois do Arcebispo <sup>(1)</sup>. Entre outros

<sup>(1)</sup> *Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde) — Convento de Santa Clara de Guimarães.*

— apresentação do Cabido. *Ronfe* (S. Tiago) — romaria à Capela da Abadia (Senhora da Assunção). Antigo Convento de Beneditinos: Mosteiro de Arrufe = Ronfe, Irmandade das Almas e Confrarias do Sacramento e Rosário. De convento foi convertido em Abadia «de que foi seu último Abade João Pires, o qual vivia pelos anos de 1530». E o pároco nota — «não constava em que ano, nem em que tempo se fez aquela conversão (de Convento em Abadia) mas é mui provável que fôsse pelo de 1418 em que foram igualmente convertidas em igrejas seculares a de *Santa Maria de Serzedelo* (ou Cezerdelo), *Gundar* e *S. Martinho de Sande*, que também o eram de religiosas beneditinas, sendo Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra. Todas estas igrejas com a de Ronfe foram depois doadas à Ordem de Cristo, já fundada por D. Dinis no ano de 1315, menos a de *Gundar*, que ficou sendo sempre Abadia Secular: em virtude desta doação passou a Igreja de *Ronfe* a ser Reitoria, sendo primeiro Reitor dela Francisco Anes, o qual vivia pelo ano de 1575, sendo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires». *Sande* (S. Clemente) — antigo mosteiro de frades; doação de Afonso o Casto à Senhora da cidade de Lugo, na era de 868; Abadia «de que consta ser último Abade Pedro Afonso, filho do Abade de Santa Maria de Vila Nova de Sande, comenda. Duas capelas — a da Senhora da Saúde, no Outinho, com romaria na primeira oitava de Páscoa, andando os penitentes de joelhos à volta, e a de S. Miguel, do Morgadio dos Fidalgos das Hortas, de Braga. No portal desta quinta ainda se conservavam duas colunas com uma cadeia e uma coroa de ferro: criminoso que poisasse a mão em cima não podia ser prêso. Irmandade do Sacramento, que dava, aos irmãos falecidos, duas velas de quarta para alumiar em quanto o cadáver

rendimentos, colhiam duas partes dos frutos de Santa Cristina de Arões, motivo de intrincados pleitos, e, por 1576, o rei dava, na casa da Índia, incenso e mais especiarias <sup>(1)</sup>. Clausura suave, vida airosa e galante: «as mais novas usavam espartilhos, apertando-os de tal modo que ficavam escandalosas, deixando ver os contornos do seio; traziam na frente os hábitos curtos com o fim de se lhes verem o pé e o sapato; usavam óleos e polvilhos na cara» <sup>(2)</sup>. Nas eleições para o Abadesado, havia festa magnífica e outeiro. Quando o Arcebispo D. Veríssimo de Lencastre ordenou a reforma das grades dos locutórios, as freiras revoltaram-se, em

<sup>(1)</sup> *Arquivo da Colegiada.* Em 1709 o Provisor de Braga declara intruso e condena o P.<sup>e</sup> António de Castro por ir cantar as calendas à igreja de Santa Clara, de madrugada, ainda com noite, o que favorecia escândalos.

<sup>(2)</sup> *Oliveira Guimarães — Convento de Santa Clara.*

estivesse em casa, entêro e missas. Altares com S. Clemente, S. Pedro, S. Sebastião, Dolores, Purificação, Menino, Santo António, S. Bartolomeu, S. Bento e Santa Ana. *Sande* (S. Martinho) — capelas de Santo Amaro e a particular da Casa de Tarrio. *Campas dos Quatro Irmãos* que estão próximas à antiga estrada para Braga (junto à quinta da Eira Velha) e perto um nicho «onde está um Irmão todas as terças (dia da feira em Braga) a pedir esmola para sufrágios às mesmas. A tradição diz que eles se mataram andando pegados por causa de partilha de águas. Irmandades do Rosário, com jubileu na véspera de Natal, Sacramento e Almas. Dois jubileus de Paulo V, concedidos em 1615, em Quinta-feira Santa e no sábado véspera da festa do Sacramento. *Selho* (S. Cristóvão de Cima de) — apresentação do Cabido de Valença do Minho. Na igreja — 10 imagens. *Selho* (S. Jorge) — apresentação do Cabido de Braga. Romarias: S. Brás, na igreja; a ermida do Senhor do Crato e a um oratório de Santo António. Irmandade do Rosário e confraria do Sacramento. *Selho* (S. Lourenço) — Irmandade do Rosário. Imagens: o Padroeiro, Santo António, Menino, S. Brás, S. Bento. *Silvares* (Santa Maria) — Irmandade do Rosário, com ladainha todos os primeiros domingos do mês à volta da Igreja. Imagens: Rosário, Santo António, S. Sebastião, Menino, S. Bento e Santa Luzia. *Sobradelo* (Santa Maria do Souto de), hoje da Póvoa de Lanhoso — Irmandade do Rosário, com duas festas. Altares: Rosário, Dolores, Passos, Piedade. . . . *Souto* (Santa Maria) — invocação Senhora do O. Romaria em dia de S. Bartolomeu na Capela da Senhora dos Anjos, apenas duas horas. Irmandade do Sacramento. *Souto* (Salvador) — apresentação da Mitra Bracarense. Antigo Mosteiro. Festa do Cêrco (S. Sebastião). Confrarias do Sa-

forte grita, sendo apreendidas três facas e metida no tronco a Madre Jerónima de Santa Teresa <sup>(1)</sup>. Mas, no agiológio, não deixaram de figurar nomes de preclaras virtudes, como o da primeira Abadessa *Helena da Cruz* (Helena de Andrade) a quem, «estando-se no Côro, lhe apareceu em forma humana, mas agigantada, o demónio, reclinou a cabeça na base da estante, onde a Serva do Senhor orava, mostrou que pretendia ofendê-la, ou ao menos diverti-la. A venerável Madre, que não queria deixar o seu exercício, foi mudando de lugar; mas como a tôdas as partes chegava a perseguição, largou-lhe o campo, e foi continuar na cela o desafôgo de seu espírito» <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> *Oliveira Guimarães* — *Convento de Santa Clara*.

<sup>(2)</sup> *História Serafica*, tómo IV, liv. V, cap. XXII e seguintes.

cramento e Rosário. *Tagilde* (Salvador) — Irmandade do Rosário, com dois jubileus e indulgências (Gregório XIII e Pio IV), procissões e festas. Santo António, Rosário, S. Sebastião, Dorés.... *Urgeses* (Santo Estêvão) — apresentação do Cabido de Guimarães. Irmandades: Rosário, com 12 procissões ao Cruzeiro, e S. Sebastião. *Vermil* (S. Mamede) — Paço de Dona Lopa, conto. Apresentação do Reitor de Brito. Comenda da Ordem de Cristo. Padroeiro, S. Sebastião, Menino, Rosário e Dorés. *Vizela* (S. Faustino) — Irmandade das Candeias, com jubileu a 2 de Fevereiro. Padroeiro, Dorés, Rosário, Santo Amaro, S. Sebastião, Menino. *Vizela* (S. Paio) — Altares: mor, de S. Gonçalo, «que foi Abade nesta freguesia e tem romaria, e Rosário. Imagens: «milagroso Mártir S. Sebastião advogado da peste» e Senhora da Lapa.

\*

A apresentação entende-se como referente aos anos anteriores a 1834.

\*

Suprimimos algumas relativas a freguesias que já não pertencem ao concelho. São as de Vila Cova e Travassós (Fafe).

\*

Veja e confronte com *Oliveira Guimarães* (Abade de *Tagilde*): — *Guimarães e Santo António*; *Guimarães e Santa Maria*.

E mais: as freiras *Capuchas*, as do *Carmo*, as *Dominicas*, as recolhidas das *Trinas* e do *Anjo*...

Mas como santos de carne e ôsso, tinham os frades, se prégavam o temor de Deus, a humildade, a doçura, os sentimentos compassivos, o alheamento das nadices efêmeras e traiçoeiras dêste baixo mundo, por vezes seus deslises, fraquezas e pecados <sup>(1)</sup>. Em audiência geral de 18 de Dezembro de 1835 respondeu e foi condenado como salteador o *Frei João Lombela* (João António de Oliveira, no século e Fr. João de Santa Teresa de Jesus, na religião), escrevendo o Juiz (Domingos Manuel Pereira de Carvalho e Abreu) na sentença que «estaria sem duvida nos termos de lhe ser aplicada a penna Ordinaria de morte natural executada na praça do Toural desta Villa, e decepada sua Cabeça ser colocada em hum poste na Serra da Falperra», mas, atendendo ao seu antigo estado eclesiástico, o condenava «em degredo perpetuo para as Pedras de Angouche com irremissivel penna de morte se voltar a estes reinos» <sup>(2)</sup>. Servia de delegado António Leite de Castro, escrivão José de Sousa Bandeira e advogado dos réus, que eram vários, Manuel António de Lima Peixoto. Fazia parte de uma quadrilha, presa na noite de 24 de Agôsto. Esteve muitas vezes no tronco, em S. Francisco. Uma vez, passavam os frades para o côro e ouviram-no a suspirar: «ó minha bela!».

<sup>(1)</sup> «Numa carta sem data, um anónimo conta ao Provincial as proezas de certo religioso organista do convento de S. Francisco de Guimarães, «odre com cara de frade, pedra de escândalo no convento e fora dêle», que além de ter quatro mancebas na vila, anda bebado pelas ruas a insultar solteiras, casadas e viúvas.» — *Júlio Dantas* — *Ao ouvido de M.<sup>me</sup> X*: («Frades»). Conta-se ainda por aqui a história de outro que, sendo pressentido, uma noite, na casa onde se acoitara de mancebia, fugiu, deixando as calças. No dia seguinte foi chamado às autoridades, mas, triunfantemente, mostrou sua inocência porque eram as calças demasiado estreitas para sua rotundidade. Finória, a mulher tinha-as mandado apertar a um alfaiate. Ele saía de noite assim disfarçado em trajo civil.

<sup>(2)</sup> Extraída dos autos que hoje fazem parte do Arquivo do Escrivão Sr. Nogueira.

Os mais velhos tremiam de indignação. Aberta a cela, encontraram-no fervorosamente abraçado... a uma garrafa.

No dia 24 de Junho de 1828 entra por Guimarães e acampa no Toural uma divisão de cerca de mil e quinhentos homens comandada pelo Coronel Caiola. Os caçadores e voluntários são destacados ao Convento de S. Domingos, onde prendem todos os frades e criados que lá encontram, sendo trazidos à presença do Comandante, sem capas, nem chapéus. Asperamente repreendidos, marcham para a cadeia. Mas como certo soldado de cavalaria, no momento em que se efectuava a prisão dos frades, levasse um tiro de bala e quartos nas pernas, queixando-se de que fôra disparado de dentro do convento, é este pôsto a saque com a mais ardida fúria. As prisões foram feitas à ordem da Junta do Pôrto, sob acusação de haverem os frades, que, à meia noite de 26, são conduzidos para aquela cidade, dado um tiro na gente do Capitão Reboito. Os frades vingaram-se, depois, com aceso, clamorante e frenético miguelismo. Ainda em 1832 o Prior mandava fazer novena à *Senhora do Rosário* afim de que «ella pedisse ao S.<sup>r</sup> q. ajudasse as Tropas do S.<sup>r</sup> D. Miguel para q. triumphassem das do S.<sup>r</sup> D. Pedro», na mesma altura em que a nossa Câmara dirigia uma representação ao Senhor D. Miguel aconselhando-o e solicitando-lhe que não fosse ao Exército «porque era muito fogoso» <sup>(1)</sup>. Naqueles anos de 32-33 saíram procissões avonde por causa da peste — *S. Roque, S. Sebastião, Dores, Agonia*, e até a da *Penitência*, da Ordem Terceira de S. Francisco, na segunda-feira santa de 32, que já há 14 anos se não via. De tarde, correram as ruas da vila três turnos de Terceiros, indo, em cada, dois seculares e um eclesiástico, levando um dos seculares a campainha e a caveira, o outro a cruz de pau com uma disciplina e um cilício em cada lado da haste, e o sacerdote com um crucifixo na mão, todos com véus pretos e cordas atadas na cabeça. A' noite houve procissão com fran-

<sup>(1)</sup> Livro de lembranças do Cônego José Pereira Lopes de Lima (manuscrito).

ciscanos e capuchos, indo os prègadores das duas comunidades a prègar por tôdas as ruas, deitando sermão em cada terreiro.

Neste cerrado nevoeiro de tinta, fumegam brandões, encrepsam lamúrias, ou, pelas trovoadas, batem-se «as palavras santas» :

«Cristo nos defenda de todo o raio.

O Verbo se fêz carne.

Cristo está connosco.

Parai, suspendei-vos.

Padre Nosso. Ave-Maria.»

A' noite, o burgo muito enrodilhado em carvão, fechando-se a sete chaves, o enfermeiro Almeida, que servia na Misericórdia, com o tocador da campainha e um ou dois servos, sem batinas, apenas com a capa comprida de azul-escuro, um criado com a ceira, outro com o lampeão, alarmava a piedade com a voz cava e terrorista, de calafrios, bramindo: — «*Quem se lembra de dar panos e fios para curar as feridas dos pobres do hospital? Quem puder, será pelo amor de Deus!*» — Corriam-se as vidraças, ao alto, na humidade suja, aparecia uma candeia, estendia-se um braço e a mão largava os fios que, aos domingos, as criadas, depois do Senhor em S. Domingos, puxavam, com as donas, dos velhos panos em desuso. Essa plangentíssima campainha da Misericórdia acompanhava sempre a tumba — *diam... diam* —, pelas ruas. Em quarta-feira de Cinza, de tarde, a *Irmandade de S. Crispim* mandava rezar por cinco padres na igreja de S. Paio o nocturno de defuntos pelas almas dos instituidores Pedro e João Baião, e, na volta, depois de recolher, havia mesa posta na capela-mor com pão de ló e vinho: os que andavam inimizados bebião pelo mesmo copo por causa das pazes. A pedir chuva processionavam os santos — era de muita fé o *Senhor da Costa* —, mas, em 31, porque já não chovia para mais de dois meses, tiraram o Senhor da *Cana Verde*, da igreja da Misericórdia, em dia do Espírito-Santo. Quando o sino das Capuchinhas se punha a badalar — é porque

elas, sumidas em penitência, estavam passando necessidade maior. Principalmente aos sábados, lá vinham os eremitães, de opa e barrete de meia, com o oratório ao peito, envidraçado, com duas portas de madeira e metal, que os hominhos abriam de par em par, quando se dava esmola, para a gente beijar o vidro. Pelo S. Tiago eram as lavradeiras, de cabelo de ouro e oiros mais escuros pingando nos seios, rosadas e vivas, com a alfádega cheirosa. Os andores, de altos e carregados, montes de flocos e lentejoilas, com os primeiros cachos da uva a pintar, bisbilhotavam atenções e espanto — o da *Senhora do Rosário*, de Santo Estêvão; o da *Senhora do Rosário*, de Atães; o da *Senhora da Graça*, de *Santa Bárbara* ou de *Santa Catarina*, da Penha; às vezes (1857-1858) um outro com a *Nossa Senhora*, de S. Torcato. A frente dos hóspedes, o andor de S. Tiago. E ao fim da tarde, no terraço ensombrado do mosteiro, já com o sol a afundar-se em púrpura e cobre, os homens viravam-nos uns para os outros e faziam vénias, diziam «adeus, até ao ano» — a despedida dos andores. Então o vinho gorgolejava-se mais lépido, as doceiras riam, depois um varapau, a cacetada, e pegava barulho acêso. Na *Lapinha*, zabumbavam os labrostes, de lenço vermelho atado na cabeça, jocosos como truões, serigaitando, tropeçando, cambalhotando; seguia a fila dos guídes infinitos no azul, pinheiros enormes. Visitava a Senhora da Oliveira

A Senhora da Oliveira  
tem um manto de carapinha  
que lhe mandou de presente  
a Senhora da Lapinha.

e retirava, indo às Dominicas, onde o «macacão» do órgão rangia as despedidas.

Manchas de sol na plasmada soturnidade: as romarias, as festas. O *Santo Amaro*, o *Bom Despacho*, a *Madre de Deus*:

Senhora da Madre de Deus,  
de pequenina tem graça,  
está à beira do caminho,  
dá de beber a quem passa.

Ao lento arrastar dos longos dias emmesmados na treva cabiam as rezas aos santos, aos nossos santos, aqueles de que possuíamos relíquias. O S. *Qualter*, em S. Francisco, o S. *Fortunato*, do Campo da Feira, à custa de cuja devoção, desde 1787, se construiu a igreja, elegante e bem lançada, a *Santa Felicidade*, da igreja dos Capuchos: «muito venerada, escreve o *Abade de Tagilde*, dos povos da beira-mar que, por ocasião das romarias de S. Torcato e Bom Jesus do Monte, veem a esta igreja satisfazer seus votos» <sup>(1)</sup>, o S. *Pedro Mártir*, da Colegiada. Amarelidos de cera, com suas vestes, naquele impenetrável silêncio da morte, o povo sentia-os mais perto, como se irmasse com suas angústias os tratos que padeceram, as ideias e os sentimentos de uma vida que viveu nesta miséria do mundo. Ou então as imagens de mais tradição ou cativância, como o S. *Sebastião* pequeno, que, de uma vez, saiu com a tropa em guarda de honra e por pouco tinha descargas como na Procissão do Corpo de Deus, a N. *Senhora* e o S. *José*, das Capuchinhas, a coroa da Senhora — dádiva de D. João V, o resplendor de S. José — do Príncipe D. José do Brasil <sup>(2)</sup>, o *Senhor dos Passos*, do Campo da Feira. O rosto é obra miraculosa de dois homens que, pelo toque das avemarias, apareceram ao Juiz Maranhas, já desesperado de encontrar quem o executasse a seu gosto, dizendo-lhe se encarregariam de o fazer. Voltaram de noite, deixaram um embrulho e nunca mais tornaram a aparecer. «Vinha já encarnado, e tam formoso que lhe pareceu ser o mesmo que na sua ideia trazia representado» <sup>(3)</sup>. A véspera de Lázaro, domingo em que saía a procissão, a mais correcta e piedosa, inundava Guimarães de gente. Os sinos repicavam ao cair das esmolas. A Imagem trazia-se da sua câmara para a igreja. E, com a corda, as mães ensinavam os filhos a benzerem-se — no peito, por causa dos maus pensamentos; nos olhos, por cau-

<sup>(1)</sup> *Guimarães e Santo António*, pág. 56, continuação da nota de pág. 55.

<sup>(2)</sup> P.<sup>e</sup> *Caldas* — *Guimarães*, II, pág. 140.

<sup>(3)</sup> P.<sup>e</sup> *Carvalho* — *Corografia*, I, pág. 61.

sa do mau olhar; na bôca, para que se não blasfeme;  
no coração, por causa da virtude.

Senhor do Campo da Feira,  
olhai para mim, olhai:  
sou filho de uma viúva,  
sou órfão, não tenho pai.

Na quaresma — e cumpria-se a rigor a abstinência e, muitos, os jejuns — estremunhava-se de madrugada com as *via-sacras*, "que iam ao *passo*, levavam música e no fim havia caldo de unto". Na cama, os preguiçosos, muito aconchegados aos cobertores de papa, ouviam o chichelar das beatas e a tosse pigarreira e aguardentada dos tunantes. E pelos dias mudos e parados, em dó e penitência, da tarde de quarta de trevas ao estalar do Judas no sábado de aleluia — a feira mais alegre de tôdas quantas — empanavam-se os badalos das campainhas, a da porta da rua e a da mesa de jantar, para não tlintarem áspera e sacrilegamente. Alegria, a maior parte das vezes, buscava-se no campo, no passeio aos domingos, ou pelas romarias. Só as feiras grandes ou derramadas solenidades bruniam de sol a monotonia pastosa. Pelo S. João, as cascatas eram ninhos de amor.

Mas... seria um nunca mais acabar.

Na aldeia, o lavrador, ainda na primeira metade do século passado, vestia-se, pelo inverno, de calça de saragoça ou palmilha, a camisa de estôpa, descalços ou de socos, a croça, e, aos domingos, pano azul do reino, com véstia e colete, e a camisa lavada; de verão, bragal, calça de linho ou estôpa, o chapéu de palha. As mulheres, náguas, saia de tenilha ou baeta, e colete bordado ou liso, sergilha ou burel pelas costas ou pela cabeça, uma çasibeca de chita. Comiam, como hoje, nem melhor nem pior, o caldo de couves e feijão — que substitui o unto ou azeite guardado para domingos, festas ou jornas de mais violência —, a brôa, batatas cozidas. Lá havia uma sardinha, um pouco de arroz, o naquito de toucinho. E seus divertimentos

ou se prendem à folhinha religiosa ou andam engaçados à lavoura. Deitam os *Reis* — não esquecendo passar pela porta do Juiz da Cruz que, no dia, tem de levantar, na missa, a cruz pela primeira vez — a amigos, compadres e namoradas. Na terça de entrudo, fogueiras, tiros e gritalhada por um funil a enxotar os milhões, o que poupa trabalho nas sachas. As cantigas de S. João, tôda a noite da véspera: «a fim de receber o orvalho da mesma e colher seus ramos, os quais colocão no meio das searas p.<sup>a</sup> serem abençoados seus fructos, igualm.<sup>te</sup> fazem ramos de flores q. colocão nas fontes aonde tem suas apaixonadas p.<sup>a</sup> q.<sup>do</sup> ellas pela manhãm ferem a ellas acharem estes brindes». Esfoihadas, fiadas, espadeladas, estopadas e «outras reuniões de gente feminina, aonde os Galoens da Aldeia vão fazer côrte a suas Damas». As maias. O calor das vindimas com fartança de todos os apetites, desde a comesaina à dança, com biscoitos, cigarros, álcool e môças quebradas da solheira. Ao domingo: a missa, com os negócios apalavrados e fechados no adro; a sexta em boa mandriçe — enquanto as namoradas, à porta do eido, estão debicando os namoros —; o têrço; a venda com o jôgo da bola ou a rifa do galo. As mulheres espulgam-se e lá diz o outro que a parte do corpo a que dão mais exercício é a língua. Tinham acatamento as velhotas: as môças saudavam sempre — «Adeus, tia Joana, tia Rosa, tia Miquelina». Tia — era a deferência às cãs. Que, às mães, tratava-se sempre por «senhora mãe». Mas depois havia os *clamores*, a turba esfaimada de tempo aseiro a colheitas e vindimas peregrinando à ermida, em arrancadas e batidas preces. A  *festa do cêrco*, romagem com o andor do milagroso S. Sebastião em volta da aldeia, para que ali dentro não entrasse nem a fome, nem a peste, nem a guerra. No curioso inquérito de 1842 <sup>(1)</sup> os abades, curas, priores e reito-

(1) Algumas respostas são interessantíssimas. Vão algumas pequenas amostras:

Do Abade de Arões — «dizer porem a cauza (seg.<sup>do</sup> se requer) da maior ou menor população nos diversos an.<sup>os</sup>, isso, já disse, só a Ds. pertence. Algu. Philosophos a querem attribuir a abundancia de mariscos nos Lugares Maritimos, mas nesta freg.<sup>a</sup> não ha mariscos.» «A cobra, diz o Abade de Castelões, come hum coelho in-

res anotam invariavelmente a pobreza da gente. Por aqui tudo é pobre, menos os proprietários da cidade. Cavam a terra, suam, moirejam, sofrem catarros e pleurises e morrem, pobres como nasceram, pelos sessenta ou setenta. Os governos mudam — «agora, ferroavam êles, governa em nós todo o fiel farrapa» —, o lavrador, com tôdas as manhas, seu apêgo fanático à gleba, suas consumições e andanças, é sempre aquele pobre que vive feliz ou resignado porque de pouco se contenta ou lhe basta o que tem. A religião para estas almas simples não é bem a esperança — nada sobreleva ao lar fumento, à pocilga curraleira, aos campos ensoçados de água ou ressequidos de calor. É um adormecimento suave, mas adormecimento na certeza do infinito, onde se encontram desde os mais antigos que lavraram e caboucaram as mesmas leivas. O desamor à igreja não o irrita, espanta-o como deformidade moral. Abre os olhos, sufoca e não compreende, como também não compreende certa justiça dos homens. Um caso: a 10 de Maio de 1830 chegou a Guimarães o Carrasco do Pôrto, trazendo a cabeça e mãos de um padecente, que, a 7, fôra enforcado «por ter sido con-

teiro, hum ascoroso Sapo, a Ram, o melro, o pinto da galinha mas porque razão he morta por hum chasco ás picadas sendo este muito mais pequeno! Quem o ensinou a pica-la só na cabeça por mais que ella se enrosque? Qual he a razão porque huma Aranha mata um Sapo com a picada que lhe dá na cabeça? Quem ensinou o miseravel ferido a hir-se espulnhar nos coentros ou montrastes p.<sup>a</sup> escapar? Porque motivo hua Doninha, se vai meter na boca do Sapo, sendo ella o inimigo declarado dos Ratos. Porque razão procura hum porco deleitar-se com comer hua Vibora, e depois hir a correr beber água? Quem vio a paz feita entre os Picaporcos, e melros e Gaios? Quem disse que os petos não erão amigos das Nozes, e formigas? Aonde estão os pardaes, Pimpalhoens, e Verdilhoens que fizessem aos labradores termo de não hirem aos seos milhos? mas se fazem isto por interesse, que amizade será a das Baqueiras aos seos Bois, e Bestas, para lhos andar sempre goardando no meio dos Campos! O Corvo animal imundo costuma aparecer aqui nas Ocasioens de grandes frios, e Vento Norte. O Açor vive e nasce nesta terra: e he um dos Reptis. Não tem Pais conhecidos huas vezes he criado pelo Chasco, outras pelo Pisco, outras pelo picacôrpo. O que se sabe he que a Cuca femea vai aos ninhos destes, e comendolhe seos ovos poem hum dos della, e sahido que seja o tal exposto, principia a ser tractado pelos Educadores: mas quando já grande grita muito com fome porque animalejos tão pequenos, mal podem sustentar hum tão grande: por isso, vendo-se

vencido de ter comettido o desacato de ter entrado em hum roubo q. se fez na Igreja de S. Martinho de Gondomar». Vinha no meio de escolta de cavalaria, com o Meirinho e o Escrivão das Cabeças. Vinha a cavallo e, na frente, metida na bolsa e pendurada, a cabeça e as mãos. Apresentaram-se ao Corregedor, indo o Carrasco para a cadeia enquanto jantavam. Depois foram a S. Martinho de Gondomar e, no adro, pôs o Carrasco a cabeça e as mãos do supliciado, para escarmemento, até que o tempo as consumisse. Voltaram. O Carrasco dormiu na cadeia, as justiças foram aboletadas. Mas quando, no dia seguinte, marchavam para o Pôrto, de regresso, o povo saíu-lhes ao encontro, na Rua de Couros, amotinado e largando chalaças. O Corregedor mandou prender algumas abespinhadas mulheres e, por debaixo de chuva, o Carrasco voltou atrás, seguindo apenas no dia seguinte (!). O lavrador fará assim, com as toupeiras, que lhe desgraçam a horta: espeta-as numa vara para afugentar as outras... Mas puxa as orelhas aos paquetes que fisgam os pardais. Ele escorraça-os com espantalhos, com velhos papéis e fraldas, em bandeirolas sopradas ao vento e

opprimido della, hum dia come os Educadores, e pelo gosto que lhe acha passa a ser reptil de quanto pode pilhar, e ainda dos pintos das galinhas: e frangos.» O da Costa, sobre divertimentos favoritos, diz que cada um faz o que quer. Vícios dominantes: quem os tem acautela-se e esconde-se. E, depois de apontar o vestuário comum, acrescenta: «Há m.<sup>tas</sup> mais couzas mas he p.<sup>a</sup> q.<sup>m</sup> pôde chigar a ellas.» O de Abação: «Virtudes não ha; e as que mostram são sempre com véo de hipochrezia.» «Não ha nos seus habitantes — diz outro padre — aquella ingenuidade, e candura, que caracteriza o homem de bem — é um povo reservado, e sobre tudo fanatico, e supersticioso. Seus usos, e costumes sahem pela maior parte á barbaridade dos tempos antigos: conservam-nos da Gothica instituição.» A fisionomia dos habitantes, revela um terceiro, é menos má — «principalmente na classe fim.<sup>a</sup>» Espraiam-se apontando as razões por que a natalidade não decresceu na aldeia — são as mães que aleitam os filhos, e êles assim não recebem «na officina do estômago» o leite de amas mercenárias; porque se não toleram perdidas nem vagabundos; porque o ar é puro; porque as mulheres são mais parcas no vestir e na comedoria do que as do Povoado; porque se não negam as crianças ao ar «que é preciso alimento para existir e compor nossos corpos.»...

(!) Livro de lembranças do Cônego José Pereira Lopes de Lima, já citado.

manda a rapaziada fazer barulho, tocar em latas, em chocalhos, ou gritar, para os espavorir. A religião é suavidade e perdão, e castigar só a Deus pertence. E mais, para que digamos, assoma-se casmurro e lampeja o varapau sobre um mar de cabeças... O sol, o vinho, a fêmea, os negócios. Vive e morre «na fé do carvoeiro».

A Câmara, que já em 1858 pensara em mudar de sítio a oliveira milagrenta e simbólica, junto à igreja da Colegiada, manda, por 1871, expropriar o terreno onde ela estava — com suas grades de ferro e cercadura de pedra — e largo tempo se conservara como «objecto de devoção dos Povos desta cidade e subúrbios». Assim protesta o Cabido pela mão do seu advogado, o Dr. José Barbosa da Costa Lemos. Os jornais engalfinham-se, estes por affectos ao Governador Civil, a quem se attribuía o feito, aqueles em nome da tradição. Mas a oliveira, lendariamente reverdecida como sinal de uma nova nação independente, há muito emurchecera pela dispersão do culto. Ainda vem a restauração da Colegiada, o esplendor da liturgia, a nobreza da antiguidade e fama, o sacerdócio do altar e do ensino. Mas tudo se apaga e esfuma e cai na mancha cinerária do tempo. Seroando suas canseiras, ao embalo do sonho, poucas almas de mulher, pelo estonteio da mocidade, se lembram de antigas, piedosas invocações:

Senhora da Oliveira,  
Senhora tam pequenina,  
comadre de minha Mãe,  
Senhora minha Madrinha!

A Senhora da Oliveira  
mandou-me agora chamar:  
que tinha seu manto rôto,  
se lho ia arremendar.

A Senhora da Oliveira  
diz que me há-de dar um dote;  
se mo há-de dar em vida,  
dê-mo na hora da morte.

Através desta alma secular infiltra-se o culto de S. Torcato. Assim compreende-se melhor. Sente-se porque vive. A gente via o cadáver. E o cadáver fazia o *milagre*. Aquela bôca muda, cerrada, esfíngica, sabia comunicar com Deus — «Quem de tudo dispõe, e tudo vê, e tudo pode» —; aquele coração engelhado, frio e sêco como palpitava na miséria dos miseráveis, na aflição dos aflitos, na doença dos doentes, na tristeza dos tristes.

Dizia também *Flaubert* a M.<sup>elle</sup> Leroyer de Chantepie — «*Et cependant, ce qui m'attire par-dessus tout, c'est la religion. Je veux dire toutes les religions, pas plus l'une que l'autre. Chaque dogme en particulier m'est répulsif, mais je considère le sentiment qui les a inventés comme le plus naturel et le plus poétique de l'humanité. Je n'aime point les philosophes qui n'ont vu là que jonglerie et sottise. J'y décrouve, moi, nécessité et instinct...*»

## OS MILAGRES

(*Mapa dos milagres* de S. Torcato nos últimos anos: dos Autos para a elevação): (1)

Manuel Francisco, do lugar da Boavista, freguesia de S. Cosme, estando com o corpo todo feito uma chaga viva por espaço de cinco anos, sem encontrar remédio na Medicina e Cirurgia, para semelhante moléstia tam contagiosa, se lembrou de S. Torcato, e

(1) *Editál para a inquirição dos milagres:*

1804

O Doutor Francisco José de Sousa Lima, Arcediago de Nêiva na Santa Sé Primaz desembargador e provisor n'esta Côrte e arcebisado pelo Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sñr. D. fr. Caetano Brandão arcebispo e senhor de Braga primaz das Hespanhas &c.<sup>a</sup> Aos que o presente Editál virem saúde e paz em Nosso Senhor. Faço saber, que por parte do desembargador Ignacio José Peixoto como pro-



principiando a implorar o seu Patrocínio, e fazendo-lhe voto de uma pequena oferta, por ser pobre, em breves dias se achou são de todo o corpo. | Manuel José Duarte, morador nesta freguesia de S. Torcato, estando enfêrmo de uma perna por espaço de muito tempo, sem poder alcançar melhoras, recorreu a S. Torcato, e logo sarou. | O mesmo, estando possuído de uma tal melancolia, que produzia os efeitos mais medonhos, sem que se conhecesse a causa, e portanto nenhum remédio experimentava, e assim tinha o juízo quasi perdido; e suplicando o Patrocínio de S. Torcato, logo recuperou a saúde. | O mesmo, tendo certa aflição, em que se viu perplexo, sem saber como havia de remediar o prejuízo, que lhe havia de resultar, recorrendo a S. Torcato, logo o dito Santo lhe remediou a sua vexação. | Manuel Fernandes, do lugar de Segade, desta dita freguesia, nascendo-lhe um calo em um pé, em sítio que lhe causava o maior incómodo, recorrendo a S. Torcato logo se achou livre dêle. | Teresa, filha do mesmo acima, tendo um grande enchaço no

curador nomeado pelo mesmo Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sñr. para as diligencias relativas ao exame sobre os Milagres do veneravel servo de Deos Torquato me foi requerido, que para se proceder n'estas diligencias, e averiguar o Culto que tem o mesmo Servo de Deos, e se é immemorial, com fama antiga de milagres, se ha reliquias, que se exhibissem para fóra, que veneração tem, e se são milagrosas, se fazia necessario fazer-se patente ao publico esta diligencia: A' vista do que Mando, e admoesto a todas as pessoas que tiverem experimentado em si prodigios, e os tenham visto em outras pessoas, venham declarar seus nomes, e terras, na freguezia de S. Torquato ao R.<sup>do</sup> Parocho, na villa de Guimarães ao R.<sup>do</sup> Conego Cura da Collegiada, e fóra ao R.<sup>do</sup> Abbade de S.<sup>ta</sup> Eufemia de Prazins, e ao R.<sup>do</sup> Abbade de Polvoreira, o que se não entende com aquellas pessoas que somente o souberem de ouvida vaga, se porém algumas souberem de alguns d'estes milagres e prodigios pelo ouvirem somente, porém com o respeito a certa pessoa que experimentou em si algum prodigio, estas devem tambem vir declarar os seus nomes e terras perante os mesmos R.<sup>dos</sup> Parochos para depois serem perguntadas, pois pode ser que as circunstancias façam necessaria a interrogação destas mesmas pessoas, para a vista de tudo se proceder ao Auto da inspecção ocular, e judicial pergunta das mesmas testemunhas. E para assim constar Mandei passar o presente que será fixado na porta da collegiada da mesma villa de Guimarães. Dada em Braga sob meu signal somente aos 27 de agosto de 1804 e eu Pedro Ignacio Rodrigues Costa, escrivão da camara ecclesiastica o subscrevi. Francisco José de Souza Lima.»

pescoço, implorando a intercessão de S. Torcato, logo lhe rebentou e sarou de repente. | Francisco José de Oliveira, morador no lugar de Cardote, desta mesma freguesia, estando enfêrmo com uma febre maligna, desconfiado já da Medicina, sem esperança de vida, implorou o Patrocínio de S. Torcato, e logo recuperou a saúde. | José Fernandes, morador no lugar do Pom-bal, desta mesma freguesia, tendo uma filha, chamada Ana Maria, com uma perna encolhida, de sorte que estava aleijada, e desesperados da Medicina, por terem tentado todos os remédios, sem experimentar melhora, recorreram a S. Torcato, e sem fazer outra cousa alguma, sarou-a perfeitamente. | Josefa Luísa, filha do mesmo, estando enfêrma de doença desconhecida, sem saber que remédio se lhe havia de aplicar, suplicou a intercessão de S. Torcato, prometendo-lhe a mortalha, e logo sarou. | Maria Josefa, mulher de José António, do lugar de Codecêda, desta mesma freguesia, estando muito doente de um peito, sem achar refrigério algum para as dores, que tinha, recorreu a S. Torcato, e logo melhorou. | João Gonçalves, desta freguesia, tendo uma fístula em um pé por espaço de muito tempo, tendo-lhe aplicado todos os remédios da Medicina e Cirurgia, desenganado dos professores que a sua moléstia era incurável, implorou o patrocínio de S. Torcato, e sem usar mais de remédio algum sarou perfeitissimamente. | Torcato de M., da freguesia de S. Pedro Fins de Gominhães, o qual teve uma inflamação na cara por espaço de muitos anos, de sorte que se lhe formava uma bostela, e consultando inumeráveis Professores, e usando de todos os remédios, que os mesmos lhe applicavam, nunca encontrou melhora: desesperado já da Medicina, recorreu a S. Torcato e lhe prometeu uma festa, e por sua intercessão alcançou perfeita saúde. | Joana, solteira, moradora no lugar de Rua Franca, estando seu irmão muito atacado com uma febre maligna, desenganado dos Médicos, e sem juízo, nem esperança de vida, a dita sua Irmã recorreu a S. Torcato, e lhe prometeu de jejuar oito dias a pão e água, e logo o doente alcançou a saúde. | António de Oliveira, da freguesia de Gominhães, tendo sua mulher três ou quatro meses doente com uma moléstia grave, implorando o socorro de S. Torcato, e prometendo uns



brincos, cujo seu valor, logo sarou. | O mesmo, tendo um touro, que lhe dava gota com tam grande veemência que cã e ficava como morto, recorreu a S. Torcato, e lhe prometeu a metade do ganho do mesmo touro, e nunca mais lhe deu a dita doença. | Rosa da Costa, mulher de Manuel Fernandes, do lugar de Povoeiras, desta freguesia, tendo uns bois, que eram bravos, pediu a S. Torcato que os fizesse mansos, e lhe prometeu uma esmola, e logo ficaram mansos. | Francisco Ribeiro, do lugar de Cortinhas, desta freguesia, estando com umas sezões tam fortes que não obedeciam à Medicina, e logo que recorreu a S. Torcato se achou livre delas. | O mesmo, tendo uma filha, chamada Joana, vexada, recorreu a S. Torcato, e por intercessão do dito Santo, Deus a livrou da vexação. | Joana, solteira, do lugar de Codecêda, desta mesma freguesia de S. Torcato, estando tam falta de vista que estava quasi cega, suplicou a S. Torcato e logo recuperou toda a sua vista. | Custódia, solteira, do mesmo lugar e freguesia, estando quasi afogada em um rio, se lembrou de S. Torcato e implorou o seu Patrocínio, e se viu livre do perigo. | A mesma, estando muito doente de um braço, suplicou a S. Torcato, e por sua intercessão alcançou logo saúde. | Francisco Martins, do lugar de Segade, desta freguesia, tendo sua filha chamada Josefa Maria muito doente, já sem esperança de vida, recorreu a S. Torcato e lhe prometeu a mortalha, e logo alcançou saúde. | O mesmo Francisco Martins, mostrando-lhe na cara um grande enchaço, suplicou a S. Torcato, e lhe prometeu uma pequena oferta e logo se achou são. | O Reverendo Padre Manuel José Vieira de Menezes, desta freguesia, tendo uma dor em um joelho por espaço de muito tempo, usando de remédios, e sem experimentar melhora, implorou o Patrocínio de S. Torcato, e logo se achou livre da tal dor. | Um sobrinho do mesmo Padre, chamado Manuel, sendo ainda muito pequeno, caíu por cima de umas panelas, que estavam fervendo, e ficou quasi morto; e applicando o dito Padre a S. Torcato, e prometendo-lhe um vaso de cera, em breves dias sarou. | Domingos Mendes, morador no lugar da Corredoura, desta freguesia, achando-se atormentado com umas sezões tam terríveis que não obedeceram a remédio

algun da Medicina, suplicou a S. Torcato e lhe prometeu uma missa cantada e sermão, e logo recuperou a saúde. | Manuel António, do lugar da Costeira, tinha uma dor no peito, e depois de não achar remédio algum para ela, implorou o socorro de S. Torcato, e lhe prometeu um peito de cera, e logo sarou. | Berta Maria, mulher de João Fernandes, do lugar de Segade, desta freguesia, tinha um enchaço muito grande em um ombro, e recorrendo a S. Torcato, sem lhe aplicar remédio algum, se desvaneceu. | Francisco da Costa, do lugar do Souto, desta freguesia, tendo um Menino rendido pelas virilhas, implorou a intercessão de S. Torcato e dentro em quinze dias sarou perfeitamente. | O Capitão António José de Macedo e Cunha, morador ao pé da Igreja de S. Paio desta vila, tendo este uma grande moléstia de lhe rebentar o corpo e as pernas, chegando a ponto de se lhe cerrarem os humores, sobreveio-lhe uma grande comichão por todo o corpo; e não lhe sarando por tempo de um ano, apegando-se com o Santo, para o que lhe destinou tempo certo, o livrou do contágio "que o grassava" pelo que mandou fazer uma festa de promessa. Isto, diz, foi independente da Medicina. | José da Silva Gomes, morador na rua de Trás-os-Oleiros, freguesia de S. Sebastião desta vila, padecia grande moléstia de sezões, pouco mais ou menos há cousa de quatro meses; e porque da Medicina nenhum proveito lhe resultava, apegou-se com o Santo, e, pondo-lhe tempo certo, lhas tirou Deus, por meio do seu servo S. Torcato, de que satisfez de oferta com duas velas de cera. | O mesmo, tendo uma filha casada, estando esta enfêrma com uma dor que lhe tirava a respiração, vista, fala, e por algumas vezes chegou a estar imóvel, que parecia estar morta, succedeu que, oferecendo-a ao Santo e pondo-lhe dia certo, cobrou saúde; pois com a Medicina nenhum remédio alcançou, porque, como não obedeceu aos primeiros remédios, deixou de continuá-los: só saíu com a oferta que pela medicina do servo de Deus é que alcançou saúde, limitando-lhe só o tempo de um dia, por ver a grande aflicção em que estava a dita sua filha, de que prometeu levá-la ao Santo amortalhada, o que já cumpriu, por prometer ser a primeira saída, que desse, ir de romaria ao Santo.

(Da — *Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torcato* — por *Domingos da Soledade Sillos*, egresso de S. Francisco da Província da Soledade):

«Os milagres, que Deus tem feito, pela virtude de S. Torcato, são tantos, e de tanta magnitude, que seria impossível referi-los todos; e alguns feitos visivelmente, que foram testemunhados por muitos indivíduos do povo, dos quais ainda vivem alguns. Direi somente que, no processo para a sua elevação, se autenticaram vinte e cinco, e em um livro, de que o Vigário Capitular *Sousa Lima* se servia, em 1806, para lançar as missas e as esmolas, que davam ao Santo, contam-se cinquenta e cinco, além de outros muitos, que não era possível contarem-se, pela multiplicidade; pois que, desde a sua aparição até ao presente, sempre Deus acolhe benigno as súplicas que os fiéis lhe enviam pela intercessão do seu Santo Mártir.

Tratarei especialmente algum milagre, para se fazer idea dos outros muitos.

O Reverendo Padre Tomás Valadares, oriundo de uma das famílias mais nobres de Guimarães, contava, com profundo respeito, o milagre acontecido com êle mesmo, e que tanto eco tinha feito por estas terras.

Sendo estudante, foi com outros muitos a S. Torcato, e só afim de ridicularizarem os romeiros, que, prostrados diante do túmulo do Santo, imploravam o seu socorro contra as suas enfermidades. Ele, como mais ousado, subiu acima do túmulo, desvanecendo dêste modo os fiéis das suas orações, e que naquele mausoléu não existia objecto algum miraculoso. De repente fica prêso sôbre o túmulo, sem que dêle pudesse arrancar os sapatos, nem dos sapatos os pés.

Tocam os sinos, acode o Pároco, junta-se o povo, principiam as rezas e as preces até que finalmente desceu arrependido, o que tinha subido libertino: confessa a realidade do Santo, o que pretendia negá-la; e ficou sendo um apologista de S. Torcato até à hora da morte.

Este milagre é recontado, com mais ou menos alteração, pela gente do povo; todavia, nós o colhemos de um seu próprio dirigido ao Padre Director da Ordem Terceira de S. Domingos, Fr. Bento de Santa Joana

e Silva, que nos afiançou tanto a honradez do eclesiástico, como a veracidade do milagre.

Um outro, nada inferior a êste, foi o seguinte:

Um homem padecia no rosto a terrível moléstia chamada *elefancia*. Tinha esgotado a medicina, sem fruto algum, e resolvido estava a ser vítima do mal que padecia. Imprecou do Céu o que não podia alcançar na terra, e tomou por seu intercessor ao miraculoso S. Torcato. Veio em romaria à sua Capela, orou, pediu, e ali mesmo, na presença de muitas testemunhas, do rosto se lhe desprega a crusta ulcerada, ficando com o rosto limpo, são; e em testemunho da sua gratidão, lá está pendente da parede um rosto de prata, para indicar o milagre e a protecção visível do nosso Santo perante o trono do Eterno.

Ainda hoje vivem pessoas que testemunharam um cego levado por seus parentes até junto do Santo Corpo. A sua fé foi tam viva, e tanto Deus quis engrandecer o seu Santo Mártir, que, dentro da mesma Capela, o cego abre os olhos e cheio de alegria exclama: — *Ea já vejo!* — Dá ali mesmo as graças ao Senhor, e ao seu Protector: publica-se o prodígio, e o povo admira, fora da Capela, com vista, o mesmo que nela tinha entrado cego. Este milagre é tam autêntico, quanto o filho do mesmo agraciado o certificou ao Tesoureiro actual da Confraria, António Ribeiro de Faria, da casa de Correndela.

Maria da Costa, da freguesia de Fornelos, padecia aos dezanove anos de um cancro no joelho; sem esperança alguma de sarar, esperava que o mal lhe decidisse da existência. Atraída pela fama dos milagres de S. Torcato, veio também junto do Santo Corpo implorar a protecção para com Deus. De pronto o cirro desaparece, e uma perna lá se acha pendente da parede, com o nome da agraciada, e a causa da gratidão. Esta mulher ainda vive, e os facultativos que a trataram; ainda veio à festa da Trasladação, e ali repetiu a narração do milagre no meio de muito povo, que a escutou.

António de Araújo, da cidade de Braga, padecia igual moléstia, e em parte tam melindrosa do corpo que só a morte poria termo aos seus padecimentos; implora a protecção de S. Torcato; o cancro desapare-

ce, a medicina se admira, e Deus triunfa pelas virtudes do seu Santo.

Filipe José da Silva, da Póvoa de Varzim, tendo uma hérnia de sangue, muito volumosa, e sofrendo a operação pelos facultativos, foi mandado confessar e sacramentar, e até fazer testamento, etc. Implora a Deus Nosso Senhor, e toma como protector a S. Torcato: a moléstia desapareceu, e Deus testemunhou quanto lhe são gratas as súplicas dirigidas por intercessão de S. Torcato. Este milagre teve lugar em Abril de 1839.

Muitos e milhares de outros milagres eu poderia referir, mas não se podem abranger no limitado espaço da sua vida; e assim como de Santo António se dizia: — *Falem os Paduanos*; — assim de S. Torcato podemos dizer: — *Falem os fiéis, os agraciados...*

Em nota explica "que estes milagres são apoiados em testemunhos puramente humanos, e nem eu quero prevenir, àcerca deles, o juízo da Santa Sé, a quem só compete autorizá-los."

## LEGENDAS DE QUADROS VOTIVOS

Milagre que fes S. Torcato a Tomas P.<sup>ra</sup> q̃. estando | em prigo d vida recoreo ao dito Santo e elle lhe deo saude perfeita em 1854.

*Milagre* | A.<sup>to</sup> M.<sup>el</sup> Gomes, da Corredovra, tendo sua esposa, em pros de morte de hvm parto, se votou | de goelhos ao milagroso S.<sup>to</sup> Torcato, e se dentro de | 8=ou—15 dias pozeçe andar, lhe fazia huma grande festebelidade, a qval afes e lhe dev mais com gosto | esatisfação do milagre que estes 2 anjos que aqvi serve para lembrança detodos os devotos.

Milagre q̃. fes S. Torcato a M.<sup>a</sup> m.<sup>er</sup> de João G.<sup>es</sup> de Campos da Freg.<sup>a</sup> de Milhazes | Con.<sup>co</sup> de Bar.<sup>cos</sup> q̃. tendo tres meninas de um bentre se apegou devota-

mente a mesma milagrosa Imagem as quaes se restabaleceram.

*Milagre que fez S. Trocato* a Manoel Martins Ignasio *da freguezia da morim* q̃ a vinda para S. Trocato foi atacado com um ataque apoplectico e sua familia com grande deboção recorrerão ao dito Santo e ficou São como dantes e isto aconteceu na villa de Guimarães no campo do Toural o Cruzeiro do fiado | e depois seguiu a sua jornada com a sua saude perfeita a sim como dantes tinha Anno de 1868.

Milagre q̃ fes u Milagrozo S.<sup>to</sup> Torcato a Antonia Joaquina de Miranda da Freguezia de | Gemezes. Estando de parto em tres dias sem Sentidos. i logo que se a pegaram | Com u Milagrozo S.<sup>to</sup> Torcato logo se a chou Milhore. prom essa que prometeu | — *Maria de Jazus* —

Milagre que fez S. Trocato a Joaq.<sup>m</sup> Alz de Lima | da fg.<sup>a</sup> da Estella tendo huma baca p.<sup>a</sup> morrer | com huma bixa ferrada na rais da lingua e logo q̃. | recorreu a este S.<sup>to</sup> Logo Milhorou.

Milagre que fes u milagroso s. torquato a Manoel Jose | Barboza da freguesia de Gemezes a chando se ferado | de um cão que andava com a ravia, com muito sosto | bivia logo que se lamvrou du milagroso s. torquato | logo ficou a leviado du sosto não tive prigo algum. | Feito no anno de 1883.

(Continua).

EDUARDO D'ALMEIDA.